



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

**Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação e
Políticas Educativas**

Dissertação

**A Indisciplina em contexto escolar: perceções e
representações de professores**

Patrícia Bartolomeu Gomes

Orientador(es) | Olga Maria Santos Magalhães

Évora 2020



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

**Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação e
Políticas Educativas**

Dissertação

**A Indisciplina em contexto escolar: perceções e
representações de professores**

Patrícia Bartolomeu Gomes

Orientador(es) | Olga Maria Santos Magalhães

Évora 2020



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Marília Evangelina Sota Favinha (Universidade de Évora)

Vogais | Olga Maria Santos Magalhães (Universidade de Évora) (Orientador)
Paula Maria Sequeira Farinho (Instituto Superior de Ciências Educativas)
(Arguente)

Para TI, minha avó Maria.

AGRADECIMENTOS

Aos meus suportes: os meus filhos, Duarte e Vicente que muito me inspiraram e deram força para lutar todos os dias sempre que o sol nasce.

Ao meu esposo e companheiro, por fazer de pai e mãe ao longo deste percurso acreditando sempre no meu sucesso e dando-me a mão nos dias menos fáceis.

Aos meus pais, PAI e MÃE, que estiveram sempre presentes apoiando-me, incondicionalmente, com todo o seu amor, carinho e sorriso no rosto.

Às minhas, incansáveis, amigas que tantas vezes ouviram as minhas lamentações e me cederam os seus ombros.

À minha “companheira de caminhada” nas intermináveis viagens a Évora... bem hajjas!

A todas as pessoas que de uma maneira ou de outra participaram neste projeto e me incentivaram para a sua conclusão.

À minha querida e extraordinária orientadora, Professora Doutora Olga Magalhães, por todo o apoio, esclarecimentos, sugestões e paciência durante todo este processo que tão doloroso, mas muito gratificante para ambas.

Por fim... a Deus!!

RESUMO

A Indisciplina em contexto escolar: percepções e representações de professores

Com este trabalho propomos analisar e refletir sobre a percepção que os professores têm perante a gravidade de determinados comportamentos dos alunos em espaço escolar considerando-os atos de Indisciplina com maior ou menor gravidade e se características pessoais e específicas de cada professor como, o género, a idade e a situação profissional, são fatores que condicionantes da percepção da gravidade em comportamentos/attitudes como (in)disciplinados.

A abordagem teórica assentou numa revisão de literatura para contextualizar o tema segundo aplicação de inquéritos por questionários a professores de 2º e 3º ciclos num Agrupamento de Escolas no concelho de Palmela.

Com a interpretação dos dados podemos concluir que a percepção dos professores face à temática está relacionada com a idade e género do professor sendo ainda possível supor que a temática pode ser motivo inviabilizador do sucesso escolar dos alunos.

Palavras Chave

Indisciplina, Contexto Escolar, Professores e Alunos

ABSTRAT

Indiscipline in school context: teachers' perceptions and representations.

With this work we propose to analyze and reflect on the perception that teachers have regarding the severity of certain behaviors of students in the school space, considering them acts of indiscipline with greater or lesser severity and whether personal and specific characteristics of each teacher, such as gender, age and professional situation are factors that condition the perception of gravity in behaviors / attitudes as (un) disciplined.

The theoretical approach was based on a literature review to contextualize the theme according to the application of questionnaires to teachers of 2nd and 3rd cycles in a School Group in the municipality of Palmela.

With the interpretation of the data we can conclude that the perception of teachers regarding the theme is related to the age and gender of the teacher and it is still possible to assume that the theme may be an unviable reason for students' school success.

Key Words

Indiscipline, School Context, Teachers and Students

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT	vi
INDÍCE.....	vii
INDÍCE DE TABELAS	viii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
1.1. COMPORTAMENTO	4
1.2. INDISCIPLINA	5
1.3. INDISCIPLINA: CONCEÇÕES/DEFINIÇÕES	7
1.4. INDISCIPLINA: CONTEXTO FAMILIAR	9
1.5. INDISCIPLINA: CONTEXTO ESCOLAR	10
1.6. INDISCIPLINA: RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO.....	12
1.7. INDISCIPLINA: PROFESSOR.....	15
CAPÍTULO II - METODOLOGIA	17
2.1 TIPO DE ESTUDO	18
2.2. PARTICIPANTES.....	19
2.3. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	19
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	24
3.1. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	25
CONCLUSÕES	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
APÊNDICES	43
ANEXOS	58

INDÍCE DE TABELAS

Tabela 1. Coeficiente do Alfa de Cronbach (α).....	26
Tabela 2. Distribuição das variáveis sociodemográficas	28
Tabela 3. Distribuição dos Comportamentos e Atitudes (Dentro da Sala de Aula)	29
Tabela 4. Distribuição dos Comportamentos e Atitudes (Fora da Sala de Aula)	30
Tabela 5. Comparação dos comportamentos em estudo em função do sexo, dentro da sala de aula.....	31
Tabela 6. Comparação dos comportamentos em estudo em função do sexo, fora da sala de aula.....	32
Tabela 7. Correlação entre a idade, os anos de serviço e o grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos em estudo dentro da sala de aula	33
Tabela 8. Correlação entre a idade, os anos de serviço e o grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos em estudo dentro da sala de aula.....	35

INTRODUÇÃO

É antiga a ideia de que o conceito de indisciplina é um conceito difícil de definir, quer pela complexidade, quer pela multiplicidade de sentidos que traduz (Favinha, Moreira, 2015). Por isso, embora julguemos que todos intervenientes numa escola deveriam estar de acordo e serem detentores de uma perceção comum, mas tal não acontece. Consideramos que se existir um entendimento geral sobre a forma de perceber a indisciplina na escola, teremos um clima mais favorável ao sucesso do processo educativo dos alunos.

Tal como afirma Amado (2001) “tomar a problemática da indisciplina como um «desafio» é, também, tomá-la como um pretexto para refletir.” Se conseguirmos pensar sobre esta temática e debatê-la, em conjunto, nas nossas escolas, poderemos construir bases de trabalho que nos permitam trabalhar melhor com os alunos, aferir o que pretendemos melhorar e construir uma relação entre todos os intervenientes que permita resolver melhor e de forma concertada e eficaz os problemas que apareçam. Picado (2009) refere que “não existem receitas prévias que possibilitem determinar quais as técnicas a usar em função de presumíveis situações, caberá ao educador, conhecedor da turma, e de cada um dos seus membros em particular, usá-las convenientemente.” Nas aulas e no dia a dia, teremos de observar os alunos e conhecê-los bem de forma a criar e proporcionar um ambiente onde reine o respeito mútuo e onde o processo educativo se possa desenvolver e fluir para que se possa alcançar o objetivo da educação: formar alunos enquanto pessoas e enquanto cidadãos intervenientes e participativos na nossa sociedade. É assim que este tema investigativo surge, tendo por base a experiência vivida. Nos últimos tempos em que fomos observando diferentes limites e diferentes regras de atuação perante comportamentos e atitudes consideradas como indisciplina Estas divergências, observadas em contexto direto dentro e fora da sala de aula, analisadas e registadas em atas de Conselho de Turma e de Gabinete de Apoio ao Aluno, suscitaram interesse e curiosidade em saber qual a perceção de cada professor face à gravidade dos comportamentos dos alunos no seu dia a dia e, ainda, se existem motivos intrínsecos a cada individuo que levam a diferentes formas de perceção e atuação.

Assim, leva-nos às questões:

Será que a perceção da gravidade dos comportamentos/atitudes dos alunos em espaço escolar diverge entre os professores?

Poderão características como o género, a idade, a situação profissional influenciar a perceção dos professores na avaliação da gravidade dos comportamentos/atitudes dos alunos?

Relativamente à estrutura da dissertação esta está organizada em capítulos.

Assim no Capítulo I temos a revisão bibliográfica que assentou em diversos autores contemplando algumas reflexões sobre o comportamento do individuo, os diferentes conceitos e noções de (in)disciplina, as manifestações de (in)disciplina em contexto escolar, o professor como individuo e a sua relação com os alunos.

No Capítulo II expomos e justificamos a metodologia de investigação escolhida sendo descrito o tipo de estudo, os participantes, o método de recolha de dados e os procedimentos de tratamentos de dados recolhidos.

Face ao Capítulo III remetemos para a apresentação e discussão de dados obtidos.

Para finalizar apresentamos as conclusões, as limitações do estudo e deixamos sugestões de futuras investigações.

Os apêndices correspondem aos documentos elaborados durante a investigação que se consideraram importantes tais como questionários e autorizações para a aplicação dos mesmos e solicitação de participação aos docentes inquiridos.

Os anexos remetem para documentos utilizados para complementar o estudo investigativo tais como atas de reuniões de conselhos de turma e documentos de monitorização do gabinete de apoio ao aluno.

Questão orientadora:

Qual a perceção que os professores dum Agrupamento de Escolas do distrito de Setúbal têm, perante a gravidade de comportamentos dos alunos em espaço escolar, que levam à (In)disciplina?

CAPÍTULO I. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo apresentamos a revisão bibliográfica na qual se analisam alguns conceitos considerados pertinentes e importantes para a concetualização do tema face à investigação.

1.1. COMPORTAMENTO

Com o passar dos anos a sociedade vem se transformando de diferentes formas. E todas essas transformações, mesmo que de forma involuntária, refletem sobre o comportamento do ser humano. Isso acontece, pois, cada pessoa adapta-se ao meio em que se insere e passa a comportar-se conforme os estímulos que esse meio oferece. Ao pensar o comportamento humano é preciso levar em consideração que

[...] nunca se deve esquecer que as pessoas são pessoas, isto é, portadoras de características de personalidades, expectativas, objetivos pessoais, histórias particulares, etc. Convém, portanto, salientar algumas características genéricas das pessoas como pessoas, pois isso melhora a compreensão do comportamento humano [...] (Chiavenato2009 citado por Brum, 2015, p. 186).

Tendo em vista os argumentos apresentados, compreende-se que o comportamento humano se relaciona com o modo como o sujeito compreende a vida e o mundo à sua volta. E suas características são fundamentais para a construção da identidade do sujeito (Brum, 2015). O comportamento humano por sua vez entrelaça-se com o ambiente com o qual o sujeito está em contacto, ou seja, “os homens agem sobre o mundo, modificam-no, e, por sua vez, são modificados pelas consequências de suas ações”. (Skinner, 1957/1978 citado por Farias, 2010, p. 35).

Diante disso, é possível compreender que o homem enquanto sujeito interage com o mundo, ocasiona mudanças no meio, embora essas mudanças acabem por mudar e influenciar o seu próprio comportamento, ou seja, há nesta relação uma influência recíproca.

Assim, é necessário compreender de que o “o comportamento é também um fenômeno histórico, não é algo que possa ser isolado, guardado. Não é matéria em si, mas uma relação entre eventos naturais” (Farias, 2010, p.35).

Ou seja, o comportamento não ocorre de forma isolada, pois todos os sujeitos estão sempre em contacto com o mundo externo de alguma forma, seja através de pessoas, lugares, ou ainda de ações. Buscando entender o indivíduo e o que o leva a produzir o comportamento é necessário levar em consideração três pontos que formam o seu entendimento sobre as coisas, sendo eles:

Valores: é o conjunto de todas as crenças do indivíduo no que se refere à relação com outras pessoas e o ambiente. É o grande responsável pela interface do indivíduo com a sociedade.

Modelos Mentais: podem ser estórias ou imagens que existem na mente do indivíduo no seu mais íntimo e que o mesmo carrega consigo no que diz respeito a sua própria existência. É como se fosse o “retrato” que ele enxerga da sua própria realidade, da realidade alheia e o seu conceito de mundo ideal.

Motivos: é interessante utilizar como base o conceito de Eric Maslow da teoria das necessidades para entender em que estágio de necessidade o indivíduo encontra-se e assim entender o seu grau de percepção em relação aos fatos.

(Tonera, 2013 citado por Brum, 2015, p. 187).

Em vista disso é possível considerar que o comportamento sempre resultará de experiências ligadas a fatores individuais de cada pessoa, bem como as percepções que cada um cria diante do mundo.

Entende-se assim que “o comportamento é uma característica primordial dos seres vivos” (Skinner, 2003, p. 49). Não existe comportamento ideal ou denominado correto. As pessoas agem de acordo com a sua concepção do certo ou errado. Assim, o comportamento humano é reflexo das vivências externas e internas do ser, que relacionados com as experiências diárias individuais formará sua personalidade comportamental.

1.2. INDISCIPLINA

Não é de hoje que se fala de indisciplina nas escolas portuguesas, nem tão pouco este tema está restrito a uma geração ou faixa etária. Contudo, tem-se verificado nos últimos anos, a par do agravamento das condições económicas e sociais, o aumento da ocorrência de comportamentos de indisciplina nas nossas escolas. São vários os exemplos documentados nos meios de comunicação social de casos de indisciplina, desde insubordinação para com os adultos, a bullying para com os colegas, agressões físicas graves com recurso a armas brancas, violações, entre outros.

Na Escola inclusiva que se vive hoje em Portugal, com escolaridade obrigatória até aos 18 anos, o professor vê-se obrigado a lidar diariamente com a indisciplina em sala de aula,

atrasando os programas, sendo-lhe exigidas soluções por forma a garantir o sucesso escolar dos alunos. Contudo, essas soluções nem sempre são lineares ou facilmente atingíveis.

Segundo Giancanterino (2007, p. 87)

a indisciplina em sala de aula e na escola tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos entre os educadores. Os grandes responsáveis pela educação de jovens, como a família e a escola, não estão sabendo ou conseguindo cumprir o seu papel.

Mas será que a escola, com os meios que dispõe, tem capacidade de resolver este problema?

A escola é o reflexo do meio social em que o aluno está inserido e das relações que este estabelece com os outros no meio em que se move. As comunidades escolares são grandes e ricas quanto à diversidade de personalidades e de culturas, motor por si só suficiente de gerar conflitos, tão naturais no ser humano. Daí, considerarmos ser tão complexo o combate à indisciplina para estabelecer a disciplina. Mas será que estamos todos de acordo quanto à sua definição?

As questões de (in)disciplina têm sido estudadas por diversos autores, tratadas em teses, dissertações e artigos. Por forma a compreender esta problemática foram feitos diversos levantamentos apoiando a nossa investigação.

A indisciplina tem sido vivida intensamente nas escolas e apresenta-se como a grande fonte de conflitos interpessoais no espaço escolar. As situações de (in)disciplina ocorrem em vários ambientes escolares, dentro da sala de aula, nos corredores nos períodos de intervalo, no pátio, à entrada e/ou saída da portaria, no bar, no espaço dos alunos e tantos outros.

Considerar um comportamento e atitude como ato de (in)disciplina para um professor diverge em função do espaço onde ocorre a ação em si, quanto ao teor do conflito e/ou gravidade da ação, como por exemplo se decorre de agressões verbais, da não participação em sala de aula, da faltas de material, da não realização de tarefas, no incumprimento de regras sociais.

Todas estas situações necessitam ser avaliadas face à perceção de cada interveniente por forma a perceber que fatores intrínsecos ao professor poderão condicionar a análise.

Contudo para pensar em (in)disciplina é fundamental perceber a mudança que houve na sociedade e que nos levou ao que assistimos nos dias de hoje, pois inicialmente a disciplina era

associada à ideia de castigo, punição, dor, flagelo. Mais tarde, o termo evoluiu e também passou a ser associado à ideia de conhecimento. Para Brazelton (1995) a disciplina é uma das consequências mais importantes que se deve munir uma criança, uma vez que esta significa aprendizagem, desempenhando um papel fundamental no seu crescimento.

1.3. INDISCIPLINA: CONCEÇÕES/DEFINIÇÕES

No atual cenário educacional um dos maiores desafios ainda encontrados pelo professor diz respeito à indisciplina. Tendo isso em vista, para entender esse desafio educacional é fundamental entender indisciplina vs disciplina.

No dicionário online da Porto Editora (2018), a disciplina é caracterizada por ser

(i) “conjunto de regras ou ordens que regem o comportamento de uma pessoa ou coletividade; (ii) observância das regras; obediência; (iii) capacidade de controlar um determinado comportamento de forma a respeitar regras ou conseguir resultados; (iv) conjunto de conhecimentos específicos que se ensinam em cada cadeira de um estabelecimento escolar; (v) autoridade; (vi) castigo; mortificação.”. Relativamente à definição de indisciplina, na mesma fonte, apresenta “(i) falta de disciplina; (ii) ato ou dito contrário à ordem ou regras estabelecidas; (iii) desordem; (iv) rebelião; (v) incapacidade de agir de forma metódica” (pp.187)

Para Ferreira (2001, p. 258) a disciplina diz respeito ao “1. Regime de ordem imposta ou mesmo consentida. 2. Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização.”

Amado (1991) refere que disciplina pode considerar-se como um conjunto de regras e prática que visam proporcionar a integração do indivíduo nas instâncias sociais.

Por outro, Estrela (1986, p. 40), defende que a indisciplina não se define a si própria, “ela surge como a negação de qualquer coisa, seja essa coisa norma ou padrão socialmente aceite, ou regra arbitrariamente imposta”

Procurar uma definição assertiva para a palavra disciplina poderá passar por

“(…) significados diferentes, e se, para um professor, indisciplina é não ter o caderno organizado; para outro, uma turma será caracterizada como indisciplinada se não fizer silêncio absoluto e já, para um terceiro, a indisciplina até poderá ser considerada sinal de criatividade e de construção de conhecimento.” (Parrat-Dayan 2008, p.19).

No entendimento de Pedro-Silva (2013, p.77) “a conceituação de indisciplina e, por consequência de disciplina, é definida como toda ação moral executada pelo sujeito e que está em desacordo com as leis impostas [...]”.

Para Aires (2010), “a indisciplina na escola é um fenômeno intrínseco à sociedade e ao seu sistema de ensino, e dada a sua inevitabilidade, tão antigo como a própria escola “(p.13). Como defendem Carita e Fernandes (2012), “a indisciplina mexe mais fundo, sendo frequentemente vivida como uma obstrução à relação ou mesmo como uma desconsideração pessoal ou mesmo ainda como um ataque pessoal“(p.15).

Rego (1994, p.85) afirma que “Costuma-se compreender indisciplina, manifestada por um indivíduo ou um grupo, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na falta de educação ou de respeito pelas autoridades”, na bagunça ou agitação motora. Como uma espécie de incapacidade do aluno (ou de um grupo) em se ajustar às normas e padrões de comportamento esperados.

Assim sendo, a indisciplina é o oposto da disciplina, vista como a obediência a regras, que contrapõe a indisciplina, caracterizada pela não obediência ou quebra de regras. Pedro-Silva (2013) ainda enfatiza que a moralidade humana está diretamente associada ao comportamento em sociedade, ao qual se remetem as ações “certas e erradas” imposta pela coletividade.

Conforme Parrat-Dayan (2015, p. 19) descreve em sua obra [...] como toda a criação cultural, o conceito de indisciplina não é estático, nem uniforme, nem universal.

A indisciplina relaciona-se, assim com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre culturas diferentes, nas diferentes classes sociais. Sendo assim, o comportamento tem forte influência do meio ao qual o aluno está inserido, levando em consideração aspectos individualizados de cada cultura e classes social. Neste viés, faz-se necessário considerar que todos os espaços sociais, desde a família até o espaço escolar, são regidos por regras e normas que tem como objetivo primordial estabelecer a melhor convivência possível.

Temos assim a indisciplina diretamente ligada com a sociedade em que o aluno vive, a família que o acolhe e educa, a escola que o recebe para que o professor o ensine e o próprio aluno como ser do mundo. Vasconcelos (2004) afirma que:

“O problema da (in)disciplina, com certeza diz respeito ao professor, mas também ao aluno. E mais que isto, dada a sua complexidade, envolve também outras frentes: instituição, comunidade, sistema de ensino e sistema social.” (Vasconcelos, 2004, p. 169)

Todas estas circunstâncias entrelaçam-se, surgindo atitudes de indisciplina em que os intervenientes se culpam uns aos outros sem encontrarem uma solução para o bem-estar de todos.

1.4. INDISCIPLINA: CONTEXTO FAMILIAR

O ambiente familiar é o primeiro contacto com a socialização que o aluno conhece e é inserido, tal como refere Mendonça (2010), as atitudes dos pais, as práticas de criação são aspetos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola. (Mendonça, 2010). Logo, é ao ambiente familiar que se entrega a responsabilidade crucial no desenvolvimento social e moral da criança.

Os pais adquirem formas diferentes de implementar as regras e limites, todos eles com o objetivo que os mesmos sejam cumpridos. Contudo, nos dias de hoje os pais/educadores passam cada vez menos tempo com os seus filhos, principalmente, por questões económicas e obtenção de sucesso na carreira, provocando assim uma “fenda no tempo para com os filhos, não permitindo o acompanhamento mais de perto do desenvolvimento da relação a questões de valores para as crianças. Instala-se uma verdadeira crise de autoridade na educação” (Pimenta, 2012, p.19). A falta de comprometimento dos pais perante a educação, a escola e os professores acabam por se associar aos fatores que contribuem para as situações de indisciplina.

Sabe-se que “pais democráticos” tendem a atingir um equilíbrio pois impõem regras associando uma interiorização moral a que se adequam as normas.

Os “pais democráticos”, por sua vez, parecem conseguir um maior equilíbrio entre a necessidade de controlar e dirigir as ações infantis, de exigir seu amadurecimento e independência, e o respeito às necessidades, capacidades e sentimentos de seus filhos. Normalmente estimulam seus filhos a dar opiniões, através de um diálogo coerente e equilibrado (MENDONÇA, 2010, p. 17)

Estes pais possuem a capacidade de flexibilizar, compreender e manter as regras estabelecidas de forma a resolver problemas e a adquirir capacidades para a resolução dos mesmos.

Um dos grandes problemas que se vive hoje no contexto familiar é o não reconhecimento por parte dos pais das suas responsabilidades face ao desenvolvimento de atitudes morais e sociais dos seus filhos. Estes pais incubem à escola a tarefa de educar revelando-se eventualmente ausentes das suas obrigações.

Há pais que, por pagar uma escola, acham que esta é responsável pela educação dos seus filhos. Quando a escola reclama de maus comportamentos ou das indisciplinas do aluno, os pais jogam a responsabilidade sobre a própria escola. Os pais, no entanto, estão sendo coniventes com a má educação dos filhos e não pensam que filho é para sempre, mas o aluno frequenta a escola por um período e depois dela se afasta. Todos os pais querem respeitar a individualidade de cada filho e basta pensar um pouco para perceber que não há condições, dentro de uma escola, de o aluno receber atenção especializada e educação individualizada (TIBA, 2006, p. 169-170)

Perante o que Tiba (2006) defende, a negligência parental está cada vez mais presente na formação dos alunos como seres humanos. Estes alunos são assim prejudicados nos seus processos cognitivos, sociais e morais.

1.5. INDISCIPLINA: CONTEXTO ESCOLAR

Considerando todo o contexto histórico escolar, Curto (1998), apresenta a ideia que os problemas relacionados com a indisciplina não pertencem apenas ao século XX, mas que estão presentes há mais de dois mil anos. Vê-se, assim, que a indisciplina sempre esteve presente na sociedade escolar e faz-se necessária a análise da conduta do professor perante situações de indisciplina manifestadas por seus alunos no espaço escolar. Estas situações tem como pressupostos a violação de regras de convívio e de saber estar dentro da sala de aula que se caracterizam pela sua trivialidade, como por exemplo, rir, fazer os colegas rirem, baloiçar a cadeira, estar distraído, não realizar as tarefas, entre outras, ou seja a maioria dos atos e situações de indisciplina estão relacionados a comportamentos triviais que prejudicam mais pela sua frequência do que pela sua gravidade (Freire, 2001)

Segundo Charlton e David (1993), citados por Aires (2010), a indisciplina aparece como "um conjunto de comportamentos verbais e não verbais que, de diferentes modos e em diferentes graus, desafiam a autoridade do professor ou da escola" (p.13).

Assim sendo, é necessário refletir e questionar-se, se todos os comportamentos enquadrados em atos indisciplinados, realmente o eram, ou se o professor, por desconhecer formas de resolver estas situações, assim os definiu.

Com o passar dos anos, apesar das inúmeras transformações e progressos na esfera educacional, é possível perceber que a indisciplina escolar ainda se faz presente nesses ambientes. Assim, a indisciplina pode ser vista através de comportamentos, posturas e condutas tidas como inadequadas que acabam prejudicando o professor, os colegas, as relações e o contexto da escola como um todo.

Neste sentido, a indisciplina desorganiza o ambiente da sala de aula, e muitas vezes acaba colocando o professor em uma situação difícil em que não consegue desempenhar sua função prejudicando, por conseguinte toda a turma.

João Amado (2001, p.42) em “A indisciplina e a formação do professor competente”, afirma que há todo um conjunto de fatores

sociais, culturais, geracionais, políticos, familiares, inerentes à história de vida e personalidade dos próprios indivíduos (professores e alunos) em causa e ainda os que derivam do estilo de liderança e governo da escola, da dinâmica do grupo-turma da natureza da relação e da interação pedagógicas na aula que propiciam a indisciplina”.

Dessa forma, voltando-se especificadamente para o âmbito escolar, compreende-se que a disciplina é fundamental para que a aprendizagem aconteça e os vínculos sejam positivos. Aquino (1994) aponta que o mal-estar vivido pelas instituições de ensino atualmente, não decorre somente da escola, mas sim de toda a sociedade.

Diante do exposto, um ponto a ser levado em consideração pelo professor, conforme referem Delgado e Caeiro (2005, p. 19) é que “os fatores externos à escola não podem ser desconsiderados, em especial pela influência da educação familiar e da comunidade onde os alunos vivem”. Diante dessa afirmação, o professor precisa compreender o meio no qual seu aluno está inserido para assimilar comportamentos e informações que os alunos trazem para a escola e não apenas julgar e punir. Um professor atento, saberá distinguir a origem de tais comportamentos e o porquê dos mesmos se apresentarem da forma como se apresentam.

Não existem receitas prévias que possibilitem determinar quais as técnicas a usar em função de presumíveis situações, caberá ao educador, conhecedor da turma, e de cada um dos seus membros em particular, usá-las convenientemente. Nas aulas e no dia a dia, teremos de

observar os alunos e conhecê-los bem de forma a criar e proporcionar um ambiente onde reine o respeito mútuo e onde o processo educativo se possa desenvolver e fluir para que se possa alcançar o objetivo da educação: formar alunos enquanto pessoas e enquanto cidadãos intervenientes e participativos na nossa sociedade.

Segundo Carita e Fernandes (2012), quando falamos em indisciplina na sala de aula estamos antes de mais a falar de alguma coisa de particularmente perturbador para a generalidade dos professores.

A indisciplina perturba os professores, afeta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm de se confrontar (p.15). Em suma, a indisciplina é um conjunto de comportamentos que perturbam o funcionamento da sala de aula, que podem perturbar os professores emocionalmente, psicologicamente, desmotivando-os a exercer a sua profissão.

Desta forma, a definição não é fácil. Curto (1998, p.22) afirma que, “a indisciplina poderá ser um fator subjetivo e difícil de definir, devido aos professores terem formas diferentes de encarar os mesmos problemas.”

De acordo com Amado (2001) temos três níveis de caracterização da indisciplina, abrangendo o 1.º nível, os desvios às regras de produção nomeadamente, as ocorrências de carácter prejudicial ao bom funcionamento da aula e incluindo-se nele as situações de ruído de fundo, a realização de tarefas diferentes aquilo que é pedido, a ausência de resposta quando o professor questiona o aluno; 2.º nível onde se inserem os conflitos interpares que engloba o desentendimento entre os alunos, os comportamentos de agressividade e violência; e o 3.º nível no qual se encontram os conflitos na relação professor aluno, incluindo todos os comportamentos que põem em causa a autoridade e o estatuto do professor.

1.6. INDISCIPLINA: RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO

Sempre que o tema é indisciplina, é comum atribuir a culpa aos diversos intervenientes que permeiam o cenário escolar, seja devido às atitudes ou ao contexto em que ocorreu, tornando-os responsáveis pela situação. No entanto, embora existam vários estudos que nos sugerem

eventuais causas e responsáveis pela sua origem nas escolas, é o professor, a quem se incute essa responsabilidade uma vez que está diretamente ligado a ela bem como a iniciativa de adotar métodos e regras que tornem os atos indisciplinados em seu inverso

Nos dias de hoje, a indisciplina e as dificuldades que os docentes têm na gestão da turma e do comportamento dos alunos na sala de aula são das maiores dificuldades sentidas nas escolas, como afirmam Banaletti e Dametto (2015). A partir da observação e análise sistemática na maioria das escolas e a partir da conversa com profissionais do ensino verifica-se que as instituições enfrentam diversos problemas e um deles é a indisciplina dos alunos. Como nos é mostrado por Banaletti e Dametto (2015), as escolas enfrentam muitos problemas, sendo a indisciplina um deles. É possível identificar a mesma como um dos grandes desafios a enfrentar pelos professores, que em diversas circunstâncias, não sabem como atuar perante tal problema que atinge a todos os envolvidos no processo educativo.

Como refere Oliveira (2015), citado por Banaletti e Dametto (2015), a indisciplina é um dos fatores que tem gerado mais desgaste na rotina do professor, atos indisciplinados comprometem o seu estado emocional, gerando sentimentos de frustração, tensão, desânimo e baixa autoestima. Há professores que depois de um dia de trabalho pensam em desistir de sua profissão devido a esta situação, sofrendo em uma dimensão física, psíquica e moral (p.9)

Dito de outra forma, a indisciplina é um comportamento que perturba os professores, existindo professores que ficam com certas instabilidades físicas, emocionais e psicológicas. Como afirmam Carita e Fernandes (2012), "a indisciplina é uma situação em que frequentemente os professores se sentem desconsiderados, desprezados, questionados enquanto pessoas." (p.15).

Os professores procuram inúmeras vezes resolver as situações da indisciplina nas salas de aula, procurando criar um ambiente agradável e aprazível para a aprendizagem. Segundo Banaletti e Dametto (2015), existem professores que perdem muito tempo na aula a tentar acomodar os alunos e a chamar a atenção desejada para apresentar os conteúdos, podendo esse tempo ser aproveitado para o desenvolvimento de conteúdos. Segundo Estrela (1992),

“o tempo que o docente gasta na manutenção da disciplina, o desgaste provocado pelo trabalho num clima de desordem, a tensão provocada pela atitude defensiva, a perda do

sentido da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal levam a sentimentos de frustração e desânimo e ao desejo de abandono da profissão (p. 97).

Para Arends (2008), citado por Ribeiro (2010),

a indisciplina na sala de aula é um comportamento consciente por parte dos alunos «os alunos, particularmente os mais velhos, apercebem-se do efeito devastador de muitas dessas situações e mesmo do seu efeito negativo no autoconceito e autoestima do professor, ainda que não seja sua intenção conseguir tal efeito» (p.16).

Cada vez mais se torna imperativo compreender o problema da indisciplina através dos alunos e compreender qual a sua perceção sobre este fenómeno. Assim, numa tentativa de refletir com os professores e os alunos sobre as causas da indisciplina surgiu este estudo.

A relação professor-aluno não é percebida como a mesma que ocorria há décadas. Concordamos com Freitas (2011, p. 3) quando argumenta que “[...] Muitos professores ainda possuem uma visão romanceada de suas práticas, vinculando-as a ideais inatingíveis em nossos tempos, diante do confronto com tantos desafios que permeiam o quotidiano da educação [...]”. Quando essa visão romanceada se defronta com a realidade do dia a dia, o professor vivencia e experimenta os desamores e dissabores de sua profissão.

Assim, torna-se necessário a análise de normas de conduta e sistematização do trabalho pedagógico do professor. Cabe, desta forma, aos professores a operacionalização dessas regras e terem conhecimento pleno do conteúdo a lecionar e as metodologias adequadas para que tais fatores não estejam na origem de comportamentos de indisciplina na sala de aula face ao desinteresse e desmotivação dos alunos levando-os a comprometer as suas aprendizagens. A indisciplina é assim vista como o motivo pelo qual os objetivos não são alcançados.

Contudo, e segundo Aquino (1996) o professor continua a manter-se rígido no seu lugar de autoridade e que tal também afeta o processo ensino-aprendizagem. Os professores vivem à procura de “culpados” face a este facto mas esta busca de justificações face à (in)disciplina poderia começar por se perguntar a si próprio se está a agir corretamente na sua prática, no planeamento das aulas, na forma de tratar e se relacionar com o aluno como um ser com opiniões. Neste sentido, Aquino (1996) discute que a escola passou a receber sujeitos heterogêneos oriundos de diferentes classes sociais, com diversas vivências e com experiências de vida que, muitas vezes, é negada pela escola e pelos professores.

Por isso Aquino (1996) afirma que uma solução poderá estar na forma como se estabelece a relação professor aluno, ou seja, nos vínculos afetivos que se estabelece na relação. Aquino

(1999) aponta, também, que a relação deve ser premiada pela reciprocidade. Refere que o professor não é detentor de todo o saber, pois também aprende enquanto ensina e deve abdicar de uma postura autoritária que não reconhece os conhecimentos dos alunos recusando-se a ampliar os seus próprios conhecimentos com os mesmos. À partida, um trabalho pautado pela cooperação, na colaboração e reciprocidade é fundamental neste trabalho a pares não devendo existir lugares fixos como aprendiz e mestre, mas um meio propício ao desenvolvimento de uma relação recíproca que é o conhecimento.

Juntamente com a gestão da sala de aula está a metodologia utilizada pelo professor, sendo que Ur (1996) refere algumas orientações das quais podemos destacar: o professor precisa conhecer e usar os nomes dos alunos, para que eles sintam-se importantes; o professor precisa movimentar-se, andar pela sala mostra que está atento ao que acontece em sua aula; o professor precisa falar claramente e ter certeza que as suas instruções foram claras; precisa também cronometrar o tempo de cada lição e ter atividades extras, caso os alunos terminem a atividade antes do tempo previsto. Todas estas atitudes farão com que os alunos sintam que existe organização pois a falta desta juntamente com a (des)motivação dos alunos poderão causar momentos de indisciplina.

Não menos importante, muito pelo contrário, é o relacionamento interpessoal entre o aluno e o professor. É importante gerir uma sala de aula destacando regras de convivência e agilizar o dia a dia de forma firme, sendo que esta firmeza não se revele num autoritarismo, mas sim em respeito. Uma relação baseada neste equilíbrio seria promotora de uma prática motivadora para ambos os intervenientes (alunos e professores)

1.7. INDISCIPLINA: PROFESSOR

Sendo que cada professor é detentor de características pessoais, sociais e morais face à sua individualidade considera-se que algumas delas possam condicionar e fazer divergir opiniões, atitudes e comportamentos perante confrontos e/ou conflitos na sociedade.

Segundo Vázquez (2003, p. 69) “a função social da moral consiste na regulamentação das relações entre os homens (entre os indivíduos e entre o indivíduo e a comunidade) para contribuir assim no sentido de manter e garantir uma determinada ordem social”.

Logo, temos que a percepção que cada indivíduo (professor) tem de (in)disciplina também diverge e que este fator pode ser uma condicionante à sua atitude e postura perante uma situação problemática. Tanto a ética profissional, quanto a pessoal e a moral são responsáveis por construir os alicerces que vão nortear a conduta do professor, definindo seu caráter e virtudes, e validar os seus comportamentos em sociedade e, neste caso em particular na escola e na sala de aula.

Se num estabelecimento de ensino a percepção sobre a gravidade do mesmo comportamento e atitude tido como (in)correto ou (in)disciplinado for muito díspar não se consegue estabelecer a mesma forma de atuação gerando assim indisciplina para uns e disciplina para outros. A faixa etária de um professor implica os valores sociais e morais perante a sociedade. A cultura individual e a “criação” familiar influenciarão o entendimento e a forma de agir. É uma questão de educação e cultura familiar.

Acarretando o peso das diferentes percepções face ao conceito de (in)disciplina, ainda que no mesmo contexto, há professores que tendem a conotar um determinado comportamento como indisciplina e outros que o relatam como manifestações próprias da idade, desvalorizando.

Existem, assim, ações diferentes por parte dos professores face aos mesmos comportamentos. Estas atitudes resultam na dificuldade de percepção, por parte dos alunos, de quais atitudes poderão ser ou não definidos como comportamentos indisciplinados existindo por isso relutância destes em modificar as suas atitudes.

Logo, uma das atitudes estratégicas é tornar este tema transparente para todos os agentes fazendo com que as percepções não dependam de fatores intrínsecos, tal como Sampaio (1997) refere

“para se compreender o que é a indisciplina, a escola tem de entender-se primeiro sobre a disciplina, isto é, sobre o conjunto de comportamentos que considera aceitáveis, sob o ponto de vista pedagógico e social, para aquelas pessoas, naquele contexto.” (Sampaio, 1997, p.27)

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

2.1 TIPO DE ESTUDO

Considerando que a metodologia contempla a estratégia de investigação e que a abordagem que se pretende tem por objetivo uma eventual generalização de resultados, consideramos adequada a opção pela análise documental e a elaboração de inquéritos por questionário. A técnica de análise documental (atas de conselhos de turma e outros documentos afins), que permitirá uma primeira abordagem à realidade do contexto que se pretende estudar, afigura-se como uma estratégia investigativa adequada. Para Bardin (1977, p.38) a análise documental é “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob a forma original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência”. Segundo a mesma autora, a análise documental faz-se principalmente por classificação, indexação e por intermédio de procedimentos de transformação, tendo como objetivo analisar e representar de forma condensada as informações provenientes dos elementos pesquisados, que permitem elaborar um documento secundário com o máximo de informações pertinentes sobre a temática em foco.

Face aos inquéritos por questionário, segundo Quivy e Campenhoudt (1998, p.193), um dos principais objetivos deste método é a possibilidade de “análise de um fenómeno social que se julga poder apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão”. Ainda de acordo com Cervo (1983, p.138) o inquérito por questionário “(...) possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja (...) ele contém um conjunto de questões, todas logicamente relacionadas com o problema central”. É de salientar, ainda, que o questionário garante o anonimato do inquirido, o que, no caso deste estudo em particular, constitui um aspeto importante para a autenticidade das respostas.

Temos assim que a investigação quantitativa é caracterizada pela medida de variáveis e pela obtenção de resultados numéricos que, no caso concreto das escolas, poderão ser generalizados a outros agrupamentos escolares, podendo eventualmente estabelecer relações de causa e efeito (Fortin, 2009). Na verdade, ainda segundo o mesmo autor, o paradigma da investigação quantitativa está mais orientado para resultados e permite generalizações. No entanto, no presente estudo pretende-se, fundamentalmente, compreender as perceções dos docentes de um agrupamento escolar em particular.

2.2. PARTICIPANTES

Participantes no estudo: Para efeitos de estudo, o questionário foi aplicado a um conjunto de 64 professores de 2º e 3º ciclos do ensino básico, de um Agrupamento de Escolas do concelho de Palmela, situado no distrito de Setúbal.

2.3. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Para a análise documental foi feito um levantamento de atas de conselhos de turma e outros documentos relevantes para obtenção de informação sobre o tema em estudo, que serão analisados do ponto de vista do seu conteúdo.

No que diz respeito ao questionário, este instrumento de recolha de dados foi criado em função das perguntas de investigação, tendo passado por diferentes fases de construção (da versão inicial à versão consolidada, depois de aplicações em estudo piloto e submissão à apreciação de especialistas).

Assim os questionários foram construídos a partir de situações concretas que ocorrem em espaço escolar tendo sido recolhidas por observação direta bem como referenciadas em reuniões diversas.

Os inquéritos por questionário são direcionados aos professores de 2º e 3º ciclo do agrupamento e dividem-se em três secções, em que na primeira se inserem dados pessoais nomeadamente idade, ano de escolaridade que lecionam variando entre 2º ciclo, 3º ciclo, 2º e 3º ciclos em simultâneo e situação profissional sendo que temos professores contratados, quadro de zona pedagógica e quadro de Agrupamento. A segunda e a terceira secção dividem-se em situações de comportamentos e atitudes dentro e fora da sala de aula, sendo as situações expostas diferentes de acordo com o espaço físico que a escola apresenta.

Foram efetuadas aplicações prévias, nomeadamente 7 questionários a professores que não lecionam no Agrupamento por forma a não inviabilizar o estudo e que serviram para aferir os tempos de resposta, a compreensão de termos e conceitos das situações exemplificadas e a eficácia da estrutura do inquérito por questionário.

Após a análise das sugestões fornecidas pelos intervenientes foram realizadas algumas correções

ao nível de sinonímias e estruturação de questões. (em apêndices)

Para implementar o estudo no Agrupamento, apresentámos a nossa intenção e respetivos objetivos junto da Direção, o que foi, de imediato, bem aceite. De salientar, ainda, que a Direção foi esclarecida e concordou com realização de todas as etapas da investigação

Finalmente abordámos, de modo informal, os docentes que iriam colaborar no estudo, sentindo de imediato que seríamos bem acolhidos por todos eles.

Para ambos foram elaboradas solicitações por escrito que foram entregues nos serviços administrativos- secretária endereçado à Direção do Agrupamento e via correio eletrónico aos professores questionados. (em apêndices)

O estudo foi alvo de pedido de autorização e validação pelo MIME - Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar, levando 30 dias até a sua aprovação (05-04-2019 a 21-05-2019). O processo de validação teve como número de registo 0676400001.

Deste processo fizeram parte diversos documentos: pedido de autorização à Direção do Agrupamento para a realização do estudo na escola, uma solicitação/convite aos professores do Agrupamento para a sua participação no preenchimento dos questionários online, a solicitação de uma declaração por parte da orientadora da dissertação.

Para a construção do questionário e, uma vez que teríamos de definir ações/atitudes/comportamentos indisciplinados no espaço escolar por forma a que os professores os classificassem face à sua gravidade, baseámo-nos em Amado (2001) que considera a existência de três níveis de caracterização de atos de indisciplina: 1º nível, desvio às regras de produção, 2º nível conflitos interpares e 3º nível, conflitos na relação professor- aluno como “dimensões” para categorizar o nosso estudo e dele retirar conclusões que apoiem o nosso objetivo.

Assim e, no que diz respeito ao 1º nível incluímos atitudes indisciplinadas consideradas como pouco graves, que se traduzem no incumprimento de regras necessárias ao bom decurso de uma aula (Amada e Freire, 2002, p.9). Neste nível temos alunos que não cumprem as tarefas solicitadas no espaço da sala de aula o que provoca o incumprimento dos objetivos delineados pelo professor como os mais indicados face à aprendizagem.

No 2º nível temos as situações consideradas com alguma gravidade onde se incluem os comportamentos que visam agressividade e alguma violência entre pares. Estas situações vistas como menos saudáveis no relacionamento entre alunos, podem afetar o desenvolvimento pessoal de forma muito negativa.

O último nível, o 3º, refere-se aos conflitos com o professor sendo que estes colocam em causa a autoridade do professor e o papel do professor dentro da sala de aula. Neste nível também se inclui atitudes que desrespeitem o espaço escolar.

De referir que segundo Amado (2001) estes três níveis estão organizados de forma ascendente podendo ser ordenados pelo grau de gravidade de atitudes e comportamentos

Como tal organizámos o nosso questionário segundo comportamentos e atitudes dentro da sala de aula definindo diversas situações para cada um dos três níveis de caracterização de atos de indisciplina.

Para este estudo utilizámos a escala de Likert, que é uma das mais testadas escalas de resposta a pesquisas. É uma escala que “mede as atitudes e os graus de conformidade do respondente com uma questão ou afirmação” (Likert, 1932 citado por Dalmoro, M. e Vieira K., 2013). Assim ao contrário de responder apenas sim ou não, ao fazer corresponder um valor em escala, o inquirido, mostra mais especificamente, o quanto ele concorda ou discorda da atitude/comportamento.

Centrámos o estudo na utilização da escala de 5 pontos uma vez que “a complexidade na escolha do tamanho da escala surge em virtude de que, conforme aumenta o número de pontos na escala, aumenta a complexidade de escolha do respondente e a discriminação entre cada opção de respostas” (Campell, 1988 citado por Dalmoro, M. e Vieira K., 2013) e uma vez que tal como afirmam Jenkins e Taber (1977) e Lissitz e Green (1975), citado por Dalmoro, M. e Vieira K., (2013), “que escalas de cinco pontos são suficientes, visto que não foi observado um ganho de confiabilidade em escalas com mais que cinco itens”.

Outro factor que tivemos em conta foi a simetria da escala pois não poderíamos criar uma escala tendenciosa em que existissem mais pontos negativos do que positivos e vice-versa. Também foi prioritário a existência de um ponto neutro, fazendo com que a escala seja ímpar, pois caso algum inquirido tenha dúvidas quanto ao valor a atribuir à sua resposta ou que a mesma lhe seja indiferente, pode optar por uma atribuição de valor intermédio, posição defendida por Cummins; Gullone, (2000) e Coelho; Esteves, (2007) citado por Dalmoro, M. e Vieira K., (2013) que afirmam que “a utilização do ponto neutro é defendida por ser uma opção que deixa o respondente mais à vontade no momento de expressar sua opinião. Caso a escala seja “par”, a literatura tem sugerido a inclusão da opção “sem condições de opinar”.

Assim os inquiridos tiveram de classificar os comportamentos e atitudes indisciplinados dos alunos face à sua perceção da gravidade considerando o grau 1 como nada grave, o grau 2 pouco grave, grau 3 grave, grau 4 muito grave e grau 5 bastante grave.

Comportamentos e atitudes dentro da sala de aula

Nível 1 - Cumprimento de Regras (Desvios às regras de produção¹¹)

- Passar o tempo virado para trás, a falar com os/as colegas
- Atirar papéis ou pedaços de borracha
- Usar o telemóvel
- Escrever ou riscar a mesa de trabalho ou a cadeira
- Não trazer ou não tirar o material necessário para a aula
- Recusar-se a trabalhar/realizar as tarefas propostas
- Tentar boicotar a aula

Nível 2 - Na relação com os colegas (Conflitos interpares)

- Entrar aos empurrões aos/às colegas
- Falar alto para os/as colegas
- Passar o tempo a distrair os/as colegas
- Fazer gestos ofensivos
- Bater / agredir fisicamente um/a colega

Nível 3 - Relação com professores (Conflitos na relação professor aluno)

- Recusar-se a entrar
- Recusar-se a trabalhar / fazer os exercícios da aula
- Fazer comentários despropositados / desagradáveis
- Dirigir-se, oralmente, ao professor/a num tom ameaçador/intimidatório

¹¹ Para Amado (2001) citado por Martins e Teixeira (2009, p.88) “regras de produção são as ocorrências de carácter prejudicial ao bom funcionamento da aula e incluindo-se nele as situações de ruído de fundo, a realização de tarefas diferentes aquilo que é pedido, a ausência de resposta quando o professor questiona o alunos”.

- Responder ao/à professor/a com arrogância
- Bater com a porta quando o/a professor/a manda sair
- Sair / abandonar a sala sem autorização

Em relação aos comportamentos e atitudes fora da sala de aula foram utilizados apenas o nível 1 e o nível 2, para os quais se definiram situações de atos indisciplinados, optando por não se categorizar o nível 3 – conflitos com o professor visto considerarmos que no espaço fora da sala de aula se deveria dar ênfase a outros comportamentos.

Comportamentos e atitudes fora da sala de aula

Nível 1 - Cumprimento de regras (Desvios às regras de produção)

- Não apresentar o cartão da escola na portaria
- Danificar as instalações (portas, vidros, cacifos...)
- Gritar no refeitório/bar
- Trazer bebidas alcoólicas para o espaço escolar
- Deitar comida /lanche para o chão ou caixote do lixo

Nível 2 - Na relação com os colegas (Conflitos interpares)

- Entrar em conflito verbal com outro/a colega
- Intimidar um/a colega
- Bater violentamente (pontapés, murros...) num/a colega
- Atirar objetos (paus ou pedras) aos colegas
- Filmar “cenas” dentro do espaço escolar dos/as colegas com o telemóvel sem autorização
- Colocar mensagens, fotos ou filmagens de alunos/as na internet
- Ofender colegas na internet
- Agarrar ou apalpar um/a colega sem autorização

Os questionários foram aplicados a 64 professores de 2ºe 3ºciclos solicitando o seu preenchimento online a partir dos formulários do GoogleForms. A aplicação dos mesmos decorreu durante o mês de maio aquando a aprovação do estudo para podermos agilizar no tempo face ao final do ano letivo. Os professores foram bastante recetivos atendendo à sua resposta com prontidão, facilitando desta forma o tratamento dos dados.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

3.1. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Para a apresentação dos dados recorreu-se ao uso de tabelas e gráficos, com os dados estatísticos antecidos de análise.

A análise dos dados foi realizada através de estatística descritiva e inferencial, utilizando-se o software SPSS-24.0 (Statistical Package for the Social Sciences).

Para realização da análise descritiva foram utilizados diversos parâmetros para a distribuição das variáveis, nomeadamente a frequência, percentagem, média e desvio-padrão.

Para realização da análise inferencial e tendo em consideração o cumprimento dos critérios necessários para a realização de testes paramétricos, e após realizado o teste da normalidade de Kolmogorov Smirnov, cuja Hipótese Nula (H_0) é que os dados estão normalmente distribuídos, e dado que o resultado do *pvalue* foi ($p < 0,05$) para as variáveis em estudo, rejeitamos a Hipótese Nula (H_0) e assumimos que a amostra não segue uma distribuição normal. Nesse sentido, foram utilizados testes não-paramétricos.

Para comparar o grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos dos alunos dentro e fora da sala de aula, em função do sexo foi aplicado o teste de Mann-Whitney que é o teste não-paramétrico adequado para comparar as funções de distribuição de uma variável pelo menos ordinal medida em duas amostras independentes (Marôco, 2014).

Para correlacionar a idade, os anos de serviço e o grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos dos alunos dentro e fora da sala de aula, foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman que é uma medida de associação não paramétrica entre duas variáveis pelo menos ordinais. Este coeficiente é obtido através da substituição dos valores das observações pelas respectivas ordens. As medidas de associação quantificam a intensidade e a direção da associação entre duas variáveis (Marôco, 2014).

A determinação da fidelidade foi verificada utilizando o método de consistência interna. O Alfa de Cronbach deve ser superior a 0,70 sugerido por Pestana & Gageiro (2008), que nos indicam fidelidade, correlação e homogeneidade dos itens, o que nos permite um grau de confiança e exatidão dos mesmos valores ao longo do tempo. A consistência das dimensões em estudo (cf. Tabela 1) é boa pois o seu Alfa de Cronbach encontra-se acima do 0.70, exceto dentro da sala de aula na dimensão "Relação com professores" em que temos um valor de 0,62 e fora da sala

de aula na dimensão “Na relação com os colegas” cujos coeficientes se encontram muito próximos do valor aceitável 0,65.

Quadro 1 – Coeficiente Alfa de Cronbach

Alfa de Cronbach (α)	Consistência Interna
1,00 - 0,90	Muito boa
0,80 - 0,89	Boa
0,70 - 0,79	Razoável
0,60 - 0,69	Fraca
< 0,60	Inadmissível

Fonte: Pestana e Gageiro (2008)

Tabela 1. Coeficiente do Alfa de Cronbach (α)

	Nr. Itens	Alpha de Cronbach
Comportamento e Atitudes		
DENTRODA SALA DE AULA		
Cumprimento de Regras (Desvios às regras de produção)	8	0,798
Na relação com os colegas (Conflitos interpares)	5	0,730
Relação com professores (Conflitos professor-aluno)	7	0,623
FORA DA SALA DE AULA		
Cumprimento de Regras (Desvios às regras de produção)	5	0,721
Na relação com os colegas (Conflitos interpares)	8	0,655

3.1.1. Caracterização da amostra

A amostra total (cf. Tabela 2) foi constituída por 64 professores, dos quais a maioria era do sexo feminino (n=41; 78,8%), sendo 11 do sexo masculino (21,2%).

Os professores tinham idades compreendidas entre os 33 e os 61 anos de idade (média 45,7 anos e desvio-padrão 4,8).

A maioria dos professores tem uma situação profissional estável inserida em Quadro de Agrupamento/Quadro de Escola (68,6%), e Quadro de Zona Pedagógica (17,6%) sendo na sua minoria (13,7%) professores contratados. Estes dados remetem-nos para um Agrupamento com um quadro docente estável.

Face aos anos de escolaridade que cada professor leciona temos que cerca de metade leciona dois anos de escolaridade em simultâneo o 5º+6º ano (28,8%), três anos de escolaridade em simultâneo o 7º+8º+9º ano (13,5%), e o 5º ano (9,6%) estes dados prendem-se com facto de o ensino se dividir em 2ºciclo (5º e 6ºanos de escolaridade) e 3ºciclo (7º, 8º e 9ºanos de escolaridade

Tabela 2. Distribuição das variáveis sociodemográficas

	Min/Max	Média/Dp
Idade	33-61	45,7 (4,8)
Tempo de serviço (anos)	7-28	20,1 (4,8)
	n	%
Sexo		
Feminino	41	78,8
Masculino	11	21,2
Situação Profissional		
Contratado	7	13,7
QZP	9	17,6
QA/QE	35	68,6
Anos de escolaridade que leciona		
5º ano	5	9,6
7ºano	1	1,9
8ºano	1	1,9
9ºano	4	7,7
5º+6º	15	28,8
5º+7º	1	1,9
7º+8º	4	7,7
7º+8º+9º	7	13,5
7º+9º	1	1,9
8º+9º	3	5,8
5º+7º+8º	4	7,7
5º+6º+7º+8º	1	1,9
5º+6º+8º+9º	1	1,9
5º+6º+7º+8º+9º	2	3,8
6º+7º+8º+9º	2	3,8

No que se refere à distribuição do grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos dos alunos dentro da sala de aula, (cf. Tabela 3) os resultados indicam que os professores consideraram muito graves os comportamentos que indiciam o não cumprimento de regras (média=4,00) sendo que consideram mais gravoso o “tentar boicotar a aula” (4,65) em contraste com o “passar o tempo a rir”(3,54); os comportamentos que indiciam má relação com os colegas (média=4,25) revelam-nos que para os professores o “bater/agredir fisicamente um colega” (4,94) é o mais grave, seguido de “fazer gestos ofensivos” (4,62); os comportamentos que indiciam má relação com os professores (média=4,41) são os que evidenciam valores mais

elevados, nomeadamente “dirigir-se oralmente ao professor num tom ameaçador” (4,98) atingindo o “levantar a voz para professor” (4,87) por si só um valor muito perto do bastante grave.

Nesta análise podemos considerar que o professor se mantém, eventualmente, rígido no seu papel de autoridade e a recusa à falta de educação e perda de valores na sociedade perante um cidadão em fase adulta.

Tabela 3. Distribuição dos Comportamentos e Atitudes (Dentro da Sala de Aula)

Comportamento e Atitudes DENTRO DA SALA DE AULA				
	Média	Dp	Min	Máx
Cumprimento de regras (Desvios às regras de produção)	4,00	0,58	3	5
3_ Passar o tempo virado para trás, a falar com colegas	3,85	0,89	2	5
4_ Atirar papéis ou pedaços de borracha	4,14	0,74	2	5
5_ Usar o telemóvel	4,12	0,98	1	5
6_ Escrever ou riscar a mesa de trabalho ou a cadeira	4,02	0,92	1	5
7_ Não trazer/não tirar o material necessário para a aula	3,75	1,06	2	5
8_ Tentar boicotar a aula	4,65	0,62	2	5
9_ Recusar-se a trabalhar/realizar as tarefas propostas	3,90	1,07	1	5
2_ Passar o tempo a rir	3,54	0,87	2	5
Relação com os colegas (Conflitos interpares)	4,25	0,50	3	5
14_ Entrar aos empurrões aos colegas	3,98	0,92	2	5
15_ Falar alto para os colegas	3,76	0,90	1	5
16_ Passar o tempo a distrair os colegas	3,96	0,77	2	5
17_ Fazer gestos ofensivos	4,62	0,57	3	5
18_ Bater / agredir fisicamente um colega	4,94	0,24	4	5
Relação com professores (Conflitos professor-aluno)	4,41	0,41	3	5
1_ Recusar-se a entrar	3,38	1,24	1	5
10_ Fazer comentários despropositados / desagradáveis	4,31	0,73	2	5
11_ Dirigir-se oralmente ao professor num tom ameaçador	4,98	0,14	4	5
12_ Responder ao professor com arrogância	4,59	0,53	3	5
13_ Levantar a voz para o professor	4,87	0,40	3	5
19_ Sair / abandonar a sala sem autorização	4,44	0,83	1	5
20_ Bater com a porta quando o professor manda sair	4,33	0,81	2	5

(1=Nada grave | 2= Pouco grave | 3=Grave | 4=Muito grave | 5=Bastante grave)

No que se refere à distribuição do grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos dos alunos **fora da sala de aula**, (cf. Tabela 4) os resultados indicam que os

professores consideraram muito graves os comportamentos que indiciam o não cumprimento de regras (média 4,03); bem como bastante graves os comportamentos que indiciam má relação com os colegas (média 4,68). Sendo que os conflitos interpares são uma maior preocupação para os professores, o que é viável acontecer no dia a dia de uma escola pois a relação social que se estabelece com os pares é de todo relevante pois elevam-se os valores que cada um possui. A escola é o reflexo do meio de cada aluno e no seu todos onde se estabelecem as relações par a vida.

Contudo é na relação com os colegas a que os professores consideram como bastante grave (5,00) o “bater violentamente (pontapés, murros...) num colega”, seguido de “atirar objetos (paus ou pedras) aos colegas, “intimidar e colocar mensagens, fotos ou filmagens de alunos na internet”.

Podemos, então, referir que atos que impliquem violência física são de todo os comportamentos mais relevantes de gravidade no dia a dia escolar. Mais uma vez podemos aferir que são as relações pessoais que mais incomodam os professores.

Tabela 4. Distribuição dos Comportamentos e Atitudes (Fora da Sala de Aula)

Comportamento e Atitudes FORA DA SALA DE AULA				
	Média	Dp	Min	Máx
Cumprimento de regras (Desvios às regras de produção)	4,03	0,59	2	5
21_ Não apresentar o cartão da escola na portaria	2,90	1,22	1	5
22_ Danificar as instalações (portas, vidros, cacifos...)	4,56	0,67	2	5
23_ Gritar no refeitório/bar	3,67	0,76	2	5
24_ Trazer bebidas alcoólicas para o espaço escolar	4,90	0,41	3	5
25_ Deitar comida /lanche para o chão ou caixote do lixo	4,13	0,97	1	5
Relação com os colegas (Conflitos interpares)	4,68	0,32	4	5
26_ Entrar em conflito verbal com outro colega	3,90	0,93	1	5
30_ Atirar objetos (paus ou pedras) aos colegas	4,83	0,47	3	5
31_ Bater violentamente (pontapés, murros...) num colega	5,00	0,00	5	5
32_ Agarrar ou apalpar um colega sem autorização	4,78	0,46	3	5
33_ Intimidar um colega	4,80	0,40	4	5
34_ Filmar dentro do espaço escolar sem autorização	4,65	0,65	3	5
35_ Ofender colegas na internet	4,69	0,76	1	5
36_ Colocar mensagens, fotos ou filmagens de alunos na int	4,81	0,63	1	5

(1=Nada grave | 2= Pouco grave | 3=Grave | 4=Muito grave | 5=Bastante grave)

Da comparação do grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos em estudo **dentro da sala de aula**, em função do género (cf. Tabela 5) constatamos que existem

diferenças estatisticamente significativas na Relação com os colegas ($p=0,008$); Falar alto com os colegas ($p=0,041$); e Passar o tempo a distrair os colegas ($p=0,019$), bem como na Relação com os professores ($p=0,013$); e Fazer comentários despropositados / desagradáveis ($p=0,001$);

Temos assim que o grau de gravidade atribuído a cada nível e dimensão foi superior nos professores de género feminino o que podemos supor que as professoras por si só sejam mais afetadas às relações pessoais e encaram com maior relevância os comportamentos dos seus alunos. Ao nível da medicina, sabe-se que existem estruturas cerebrais com morfologia e funcionalidade diferentes entre o SNC (Sistema Nervoso Central) do homem e da mulher. Há estudos que nos indicam que o “cérebro masculino é voltado para a compreensão, enquanto o feminino é programado para a empatia, sendo as mulheres são mais emotivas e expressam com mais facilidade seus sentimentos do que os homens” Giddens, Anthony (1995).

Tabela 5. Comparação dos comportamentos em estudo em função do sexo, dentro da sala de aula

Comportamento e Atitudes DENTRO DA SALA DE AULA						
	Feminino		Masculino		Dif	p
	Média	Dp	Média	Dp		
Cumprimento de regras	4,06	0,58	3,77	0,56	0,28	0,129
3_ Passar o tempo virado para trás, a falar com colegas	3,88	0,90	3,73	0,90	0,15	0,564
4_ Atirar papéis ou pedaços de borracha	4,17	0,74	4,00	0,77	0,17	0,423
5_ Usar o telemóvel	4,27	0,77	3,55	1,44	0,73	0,142
6_ Escrever ou riscar a mesa de trabalho ou a cadeira	4,00	0,95	4,09	0,83	-0,09	0,914
7_ Não trazer/não tirar o material necessário para a aula	3,88	1,00	3,27	1,19	0,61	0,118
8_ Tentar boicotar a aula	4,66	0,66	4,64	0,50	0,02	0,620
9_ Recusar-se a trabalhar/realizar as tarefas propostas	4,00	1,07	3,55	1,04	0,45	0,132
2_ Passar o tempo a rir	3,59	0,92	3,36	0,67	0,22	0,403
Relação com os colegas	4,34	0,50	3,95	0,38	0,39	0,008
14_ Entrar aos empurrões aos colegas	4,05	0,97	3,73	0,65	0,32	0,124
15_ Falar alto para os colegas	3,90	0,83	3,27	1,01	0,62	0,041
16_ Passar o tempo a distrair os colegas	4,07	0,79	3,55	0,52	0,53	0,019
17_ Fazer gestos ofensivos	4,68	0,52	4,36	0,67	0,32	0,106
18_ Bater / agredir fisicamente um colega	4,98	0,16	4,82	0,40	0,16	0,049
Relação com professores	4,47	0,42	4,20	0,30	0,27	0,013
1_ Recusar-se a entrar	3,49	1,27	3,00	1,10	0,49	0,207
10_ Fazer comentários despropositados / desagradáveis	4,49	0,60	3,64	0,81	0,85	0,001
11_ Dirigir-se oralmente ao professor num tom ameaçador	4,98	0,16	5,00	0,00	-0,02	0,604
12_ Responder ao professor com arrogância	4,65	0,53	4,36	0,50	0,28	0,083
13_ Levantar a voz para o professor	4,90	0,37	4,73	0,47	0,18	0,079
19_ Sair / abandonar a sala sem autorização	4,46	0,87	4,36	0,67	0,10	0,398
20_ Bater com a porta quando o professor manda sair	4,34	0,85	4,30	0,64	0,04	0,623

(1=Nada grave | 2= Pouco grave | 3=Grave | 4=Muito grave | 5=Bastante grave)

Da comparação do grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos em estudo **fora da sala de aula**, em função do sexo (cf. Tabela 6) constatamos que existem diferenças estatisticamente significativas no que se refere ao cumprimento das regras, nomeadamente “deitar comida/lanche para o chão ou caixote do lixo” que poderá estar na origem dos valores educacionais que são desenvolvidos face à geração de cada professor em que a comida é eventualmente vista como um bem necessário à vida humana e que nos dias de hoje não se aprende a valorizar.

Na relação com os colegas, em “entrar em conflito verbal com outro colega” o grau de gravidade atribuído a estes comportamentos foi superior, mais uma vez, nos professores do género feminino o que podemos aferir a afetividade e a preocupação com o próximo.

Tabela 6. Comparação dos comportamentos em estudo em função do sexo, fora da sala de aula

Comportamento e Atitudes FORA DA SALA DE AULA						
	Feminino		Masculino		Dif	p
	Média	Dp	Média	Dp		
Cumprimento de regras	4,10	0,56	3,78	0,65	0,32	0,165
21_ Não apresentar o cartão da escola na portaria	2,95	1,24	2,73	1,19	0,22	0,635
22_ Danificaras instalações (portas, vidros, cacifos...)	4,63	0,58	4,27	0,90	0,36	0,160
23_ Gritar no refeitório/bar	3,68	0,82	3,64	0,50	0,05	0,932
24_ Trazer bebidas alcoólicas para o espaço escolar	4,92	0,35	4,82	0,60	0,11	0,808
25_ Deitar comida/lanche para o chão ou caixote do lixo	4,32	0,79	3,45	1,29	0,86	0,029
Relação com os colegas	4,73	0,32	4,50	0,29	0,23	0,007
26_ Entrar em conflito verbal com outro colega	4,15	0,79	3,00	0,89	1,15	0,000
30_ Atirar objetos (paus ou pedras) aos colegas	4,83	0,50	4,82	0,40	0,01	0,664
31_ Bater violentamente (pontapés, murros) num colega	5,00	0,00	5,00	0,00	0,00	1,000
32_ Agarrar ou apalpar um colega sem autorização	4,82	0,44	4,64	0,50	0,18	0,223
33_ Intimidar um colega	4,85	0,36	4,64	0,50	0,21	0,151
34_ Filmar dentro do espaço escolar sem autorização	4,73	0,59	4,36	0,81	0,37	0,081
35_ Ofender colegas na internet	4,71	0,81	4,64	0,50	0,07	0,213
36_ Colocar mensagem/fotos/vídeo de alunos na internet	4,78	0,69	4,91	0,30	-0,13	0,623

(1=Nada grave | 2= Pouco grave | 3=Grave | 4=Muito grave | 5=Bastante grave)

Da correlação entre a idade, os anos de serviço e o grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos em estudo **dentro da sala de aula**, (cf. Tabela 7) os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas, o que supomos que terá relação na idade em que cada professor efetuou os seus estudos e a integração na carreira bem

como a sua forma de atuação face às estratégias pedagógicas e didáticas a adotadas na sua sala de aula podendo ter ou não adquirido aquando os seus estudos.

Tabela 7. Correlação entre a idade, os anos de serviço e o grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos em estudo dentro da sala de aula

Comportamento e Atitudes DENTRO DA SALA DE AULA		
	Idade	Anos de Serviço
Cumprimento de regras	0,090	0,033
3_ Passar o tempo virado para trás, a falar com colegas	0,202	0,055
4_ Atirar papéis ou pedaços de borracha	0,028	-0,026
5_ Usar o telemóvel	-0,089	-0,215
6_ Escrever ou riscar a mesa de trabalho ou a cadeira	0,086	-0,046
7_ Não trazer/não tirar o material necessário para a aula	0,105	0,003
8_ Tentar boicotar a aula	0,188	0,038
9_ Recusar-se a trabalhar/realizar as tarefas propostas	0,134	0,155
2_ Passar o tempo a rir	-0,109	0,070
Relação com os colegas	0,131	0,116
14_ Entrar aos empurrões aos colegas	0,214	0,230
15_ Falar alto para os colegas	0,112	0,089
16_ Passar o tempo a distrair os colegas	0,085	-0,072
17_ Fazer gestos ofensivos	-0,114	-0,102
18_ Bater / agredir fisicamente um colega	-0,036	0,077
Relação com professores	0,019	0,186
1_ Recusar-se a entrar	-0,050	0,081
10_ Fazer comentários despropositados / desagradáveis	0,025	0,120
11_ Dirigir-se oralmente ao professor num tom ameaçador	0,117	-
12_ Responder ao professor com arrogância	-0,075	0,055
13_ Levantar a voz para o professor	-0,037	0,094
19_ Sair / abandonar a sala sem autorização	0,136	0,223
20_ Bater com a porta quando o professor manda sair	0,116	0,192

Da correlação entre a idade, os anos de serviço e o grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos em estudo **fora da sala de aula**, (cf. Tabela 8) os resultados indicam que existem correlações estatisticamente significativas uma vez que sustenta resultados

entre -1 e 1, sendo que quanto mais próximo de -1, maior a correlação negativa entre as variáveis, e quanto mais próximo de 1, maior a correlação positiva, podemos dizer que:

- o grau de gravidade atribuído pelos professores ao comportamento de deitar comida/lanche para o chão ou caixote do lixo está correlacionado negativamente com a idade do professor ($r = -0,369$; $p = 0,01$); e com o número de anos de serviço do professor ($r = -0,437$; $p = 0,01$), ou seja os valores estão mais perto de -1.

- o número de anos de serviço do professor está ainda correlacionado positivamente com a relação do aluno com os colegas, nomeadamente com o grau de gravidade atribuído pelos professores ao comportamento de colocar mensagens/ foto/vídeo de alunos na internet ($r = 0,308$; $p = 0,05$) pois os valores estão mais perto de 1. Podemos dizer que neste caso existe uma relação positiva entre os anos de serviço do professor e a gravidade o comportamento de colocar mensagens/foto/vídeo de alunos na internet.

Em ambas as análises nos remetemos para o fator idade *versus* anos de serviço favorecerem a atribuição do grau de gravidade a determinados comportamentos e atitudes, neste caso fora da sala de aula, o que nos pode sugerir, mais uma vez, a diferença de valores de gerações para gerações. Encontramos professores com mais idade logo a atribuírem, face à sua perceção uma gravidade bastante considerável a situações como “deitar comida/lanche para o chão ou caixote do lixo” visto a comida em tempos passados ser escassa e de mais difícil acesso para muitas famílias e “colocar mensagem,/fotos/vídeo de alunos na internet” que nos indica a relação estreita com as novas tecnologias e o desrespeito pela individualidade de cada individuo.

Tabela 8. Correlação entre a idade, os anos de serviço e o grau de gravidade atribuído pelos professores aos comportamentos em estudo dentro da sala de aula.

Comportamento e Atitudes FORA DA SALA DE AULA		
	Idade	Anos de Serviço
Cumprimento de regras	-0,004	-0,032
21_ Não apresentar o cartão da escola na portaria	0,158	0,203
22_ Danificar as instalações (portas, vidros, cacifos...)	0,094	-0,016
23_ Gritar no refeitório/bar	0,078	0,060
24_ Trazer bebidas alcoólicas para o espaço escolar	-0,133	-0,211
25_ Deitar comida/lanche para o chão ou caixote do lixo	-,369**	-,437**
Relação com os colegas	-0,060	-0,040
26_ Entrar em conflito verbal com outro colega	-0,126	-0,207
30_ Atirar objetos (paus ou pedras) aos colegas	-0,128	-0,080
31_ Bater violentamente (pontapés, murros) num colega	-	-
32_ Agarrar ou apalpar um colega sem autorização	-0,081	-0,103
33_ Intimidar um colega	-0,082	-0,057
34_ Filmar dentro do espaço escolar sem autorização	-0,089	0,058
35_ Ofender colegas na internet	0,117	0,210
36_ Colocar mensagem/fotos/video de alunos na internet	0,116	,308*

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

À medida que íamos tratando os dados surgiu a necessidade de perceber se o género, a idade, o tempo de serviço e a situação profissional poderiam ser itens que cruzados com os itens das várias dimensões poderiam vir a ser considerados como “condicionantes” positivos e/ou negativos para as suas diferentes perceções face ao que consideram comportamentos/attitudes de indisciplina em contexto escolar.

CONCLUSÕES

No dia a dia de uma de uma sala de aula é um constante desafio entre o que se pode, deve ou não fazer. Existe um “duelo” contínuo entre professor e aluno em que cada um se evidencia nas suas atitudes com a esperança de se respeitarem por forma a que o professor ensine e o aluno aprenda.

Contudo para Aquino (1996. p.54) a falta de disciplina está atrelada com a dificuldade de se obter excelência no ensino, ou seja, comportamentos incorretos faz com que o desempenho escolar falhe. Para se obter um ensino pautado na aquisição, concretização, aplicação de conhecimentos com vista ao sucesso educativo os professores têm de procurar priorizar a capacidade de tolerância e de interação com os alunos levando-os a uma relação de empatia que os leve a interagir e aprender.

Há todo um contexto associado a comportamentos indisciplinados por parte dos alunos, a que se pode atribuir a responsabilidade ao sistema escolar. Podemos ligar indisciplinados a tirania, em que a atitude indisciplinada pode ser confundida como resposta a opressão, vergonha e humilhação. Assim, tal como atividades realizadas em sociedade necessitam de orientações e/ou regras de convivência para que funcione, a escola sendo uma instituição e em que nela estão presentes futuros cidadãos, necessita que os seus colaboradores sejam regidos por normas e diretrizes iguais. O docente tem uma função muito importante nesse processo disciplinar do aluno. Ele é o responsável por estabelecer e aplicar as normas de forma harmoniosa e pacífica dentro da sala de aula sempre numa perspetiva positiva por forma a que seja entendida como algo benéfico e construtivo ajudando-o na sua formação pessoal, social e escolar. Taille (1996), diz-nos que:

Crianças precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estes somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo; o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, a sociedade como um todo (TAILLE, 1996, p. 09)

As nossas escolas estão providas de professores de faixa etária significativamente elevada e com bastantes anos de serviço levando-os a um cansaço dito normal mas que os impede de aceitar tranquilamente muitas das atitudes dos alunos julgando-as e classificando-as como atitudes indisciplinadas.

Assistimos, assim nos dias de hoje, a um confronto de gerações em que cada uma das partes apela aos seus princípios e valores morais entrando rapidamente em desacordo e numa disputa pelo espaço ocupado.

Tal como os resultados obtidos em que um professor sito numa faixa etária superior perceciona comportamentos indisciplinados mais graves os que estão associados a valores morais de sociedade como o deitar lixo para chão e/ou desperdiçar comida. É de constatar a diferença de valores e a importância atribuída aos bens essenciais na vida comum.

Como tal, o professor não pode, em hipótese alguma, permitir que diferentes percepções, em espaço escolar/sala de aula, seja motivo desencadeador de um problema sério para ambas as partes, pois a “busca do clima ético, de respeito em sala de aula tem a ver com a construção da cidadania, com o direito à diferença, com o direito a ter sua palavra, a se expressar e a atuar” (Vasconcellos, 2006, p.93). O aluno não tem de gostar do professor, mas ele deve respeitá-lo e aceitar os diferentes pontos de vista e opiniões vice-versa.

Além disso, o professor tem de estabelecer o que é disciplina para ele, o que varia muito de pessoa para pessoa. Os valores éticos e morais com os quais cada interveniente no processo educativo cresce valoriza a sua forma de pensar e atuar para com o próximo. Outro fator desencadeante de uma atuação divergente numa sala de aula poderá ser o género (feminino e masculino) do professor. No nosso estudo podemos concluir que existe uma predominância do professor do género feminino para considerar atos indisciplinados mais gravosos os que estão relacionados com as relações interpessoais, em que a parte afetiva e as emoções entre os pares sejam determinantes para um bom clima de aprendizagem.

Sendo que a ideia tradicional nos diz que há um apelo biológico para a maternidade e uma predisposição das mães para os afetos acentuando a diferença entre homens e mulheres nestas questões do amor. Archer, John e Barbara Lloyd (2002, p.225) afirma que:

não nos podemos esquecer das evidentes diferenças biológicas entre homens e mulheres. Por todo um passado histórico, desde a Pré-História, que o homem é mais visual, ativo e racional que a mulher, mais no papel de cuidadora, protetora do lar e garante do bem-estar das suas crias.

Poderemos aferir que o tempo e a entrega afetiva dispensado do professor do género feminino altere essa mudança de relação como uma cuidadora enfraquecendo o papel do professor do género masculino perante uma atitude racional. Ou seja, a mudança da relação parental (com

uma cuidadora em casa enfraqueceu o papel do homem enquanto patriarca e desenvolveu-se o papel da mãe afetuosa); e pela invenção da maternidade (Bauman, 2003: p.62 6).

Saber reconhecer e identificar os problemas por si só é muito pouco. A partir da identificação da existência dos problemas é necessária a conscientização da necessidade de mudança e mudança requer comprometimento, dedicação, mas principalmente estudo e pesquisa. Como se pode observar pelo que foi elencado, a realidade vivida em uma escola hoje merece momentos de muita reflexão e estudo, não apenas por parte da comunidade escolar, propriamente dita, mas de toda sociedade. Embora esteja claro que a escola não é a redentora da humanidade, muito se espera dela. É na escola que se reúne o maior número de crianças, jovens adolescentes e onde os mesmos passam uma boa parte de sua vida.

Em suma, pudemos observar que há grande preocupação por parte dos professores sobre as questões políticas que envolvem a escola dos dias atuais e constatamos ser necessário nos aprofundarmos em conhecimentos teóricos e pesquisa sem os quais a compreensão sobre a realidade vivida se tornará cada vez mais difícil e a necessária tomada de decisões mais distante. É preciso superar o “achismo” e possíveis visões preconceituosas que ainda povoam o imaginário dos envolvidos no processo educativo para que se consiga a mudança necessária relacionada à indisciplina escolar, além de outros problemas pedagógicos e administrativos.

É certo que só envolvimento e o comprometimento dos profissionais da educação é muito pouco para conseguirmos superar os efeitos da indisciplina, já que a escola reflete os problemas sociais e estruturais de nossa sociedade. Contudo, não podemos perder de vista o objetivo principal da educação e recuperar a sua importância na formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise percebemos a importância do professor em estabelecer regras de socialização com os seus alunos para que os mesmos aprendam a diferenciar os seus direitos dos deveres. Também foi possível perceber que a indisciplina pode surgir a partir de algumas ações relacionadas com o professor, como a gestão de sala de aula, a metodologia utilizada e o planeamento da aula.

Constatámos que uma das formas de evitar atos indisciplinados, o professor precisa de agir de forma firme e coerente com os seus alunos, mas que esta firmeza ~~demostre~~demonstre atenção e preocupação com o aluno enquanto cidadão e não autoritarismo levando à inibição do aluno. Encontrar um meio termo em relação à sua forma de agir em sala de aula, manter uma relação saudável em que exista respeito mútuo e ser promotor de práticas motivadoras provocarão reações positivas por parte do aluno que acabarão por estimular o professor no seu ato de ensinar, que fará o seu trabalho de forma prazerosa.

Poderão ser estes, então, os grandes desafios propostos aos professores e ao ensino para evitar conflitos que conduzem à indisciplina escolar.

Contudo e por forma a perceber se todos estes julgamentos terão alguma veracidade propomos num próximo estudo questionar os alunos sobre a sua perceção de (in)disciplina monitorizando as respostas dos alunos com as dos professores comparando e analisando as suas perspetivas face às mesmas questões. Este cruzamento de dados irá tornar-nos conhecedores as duas “verdades” das duas “razões” ajudando-nos assim a definir normas, regras e orientações similares e praticáveis por ambos os intervenientes no processo educativo que é o conhecimento e a aprendizagem mútua.

Este estudo, inicialmente previa esse cruzamento de dados, contudo fomos alvo de entraves burocráticos que nos impossibilitou de o concretizar em tempo útil. O facto de termos de aguardar pela validação por parte do MIME – Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar, que ocorreu no fim do mês de maio, não nos permitiu aplicar os questionários aos alunos uma vez que teríamos de solicitar autorizações aos encarregados de educação para posterior aplicação dos mesmos, coincidindo com o término do final do ano letivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aires, L. (2010). *Disciplina na sala de aulas - Um guia de boas práticas para professores do 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Edições Silabo.

~~Amado, J.~~ Amado, J. (2001) *A A indisciplina e a formação do professor competente*.

Consultado em <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/joaoamado.pdf>

Amado, J. (1991). A Indisciplina na Escola. *O Professor*, Série 3, (13), pp.34-53.

Amado, J. (2001). *A Interação e indisciplina na aula*. Porto: Asa

Aquino, J.G. (Org) (1994). *Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus,

Aquino, J. G. (1996). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus,

Aquino, J.G. (Org.). (1994). *A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. Indisciplina na escola*. São Paulo: Summus,

Archer, John e Barbara Lloyd (2002), *Sex and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.

Banaletti, S. e Dametto, J. Indisciplina no Contexto Escolar: causas, consequências e perspectivas de intervenção. *Revista Semestral de Educação do Ideau v.10, nº22, Julho a Dezembro de 2015.* (pp 1-15). Consultado em <https://docplayer.com.br/3113942.0-Indisciplina-no-contexto-escolar-causas-consequencias-e-perspectivas-de-intervencao.html>

Bauman, Z. (2003), *Amor Líquido*. Lisboa: Relógio d'Água

Brazelton, T. B. (1995). *O grande livro da criança – O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença.

Brum, M. (2015) A influência do comportamento humano dentro das organizações. *Revista pós-graduação: desafios contemporâneos*. 2 (3), p. 181-198. Disponível em: <<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/revposgraduacao/article/view/888>>.

Carita, A. e Fernandes. G (2012). *A indisciplina na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Curto, P. (1998). *A escola e a indisciplina*. Porto. Porto Editora.

Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora (2018). Consultado a 24 de junho de 2018. Disponível em <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa>.

Estrela, M.T. (1986). *Une étude sur l'indiscipline en classe*. Lisboa:INIC

Estrela, A. (1992). *Teoria e Prática de Observação de Classes - Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.

Favinha, M., & Moreira, M. L. (2015). Perceções e representações de professores sobre as causas da indisciplina: um estudo com professores do ensino básico. Em L. Mata, M. Alves Martins, V. Monteiro, J. Morgado, F. Peixoto, A. C. Silva, & J. M. Castro Silva (Ed.), *Atas do 13ª Colóquio Internacional de Psicologia e Educação* (pp. 447-465). Lisboa: ISPA

Ferreira, A. B. H. (2001) *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Freitas, N. K. (2007). Trajetórias de mestres. *Revista Profissão Docente*, 5, (13). Disponível em: <revistajuridica.uniube.br/index.php/rpd/article/view/93>.

Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.

Garcia, J. (2000). *Interdisciplinaridade, tempo e currículo*. Tese de Doutorado em Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Giancaterino, R. (2007). *Escola, professor, aluno: Os participantes do processo educacional*. São Paulo: Madros.

Giddens, Anthony (1995), *The Transformation of Intimacy – Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*. Cambridge: Polity Press

Marôco, J. (2014). *Análise Estatística: Com o SPSS Statistics (6ª ed.)*. Lisboa: Report Number

Parrat-Dayan, S. (2008). *Como enfrentar a indisciplina na escola*. São Paulo: Contexto.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais: complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Pedro-Silva, N. (2014). *Ética, indisciplina e violência nas escolas*. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes,

Picado, L. (2009). *A indisciplina na sala de aula: Uma abordagem comportamental e cognitiva*. Consultado em <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0484.pdf>

Quivy, R.; Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais: Trajetos*. Lisboa. Gradiva.

Rego, T. C. R. (1996) A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: J. G Aquino. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. (pp.83-101). São Paulo: Summus.

Sampaio, D. (1997). Indisciplina: um signo geracional? *Cadernos de Organização e Gestão Curricular – Caderno nº.6*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Skinner, B F. (2003). *Ciência e Comportamento Humano*. 11.ed. São Paulo: Martins Fontes,

Taille, Y. de La (1996). *A indisciplina e o sentimento de vergonha*. São Paulo: Summus.

Ur, P. (1996). *Classroom Discipline*. In: A Course in Language Teaching: practice and theory. Cambridge: Cambridge University Press. (pp 256-276).

Vasconcellos, C. (2000). *Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 13.edição. São Paulo: Libertad.

APÊNDICES

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AO AGRUPAMENTO



Ex.ma Sra. Diretora do Agrupamento de
Escolas José Saramago – Palmela

Eu, **Patrícia Bartolomeu Gomes**, Professora neste Agrupamento de Escolas, solicito autorização para realizar uma pesquisa através da aplicação de questionários a professores e alunos de 2º e 3º ciclo deste estabelecimento de ensino. Esta solicitação prende-se com o estudo que estou a realizar intitulado “**A Indisciplina em Contexto Escolar: perceções e representações de alunos e professores**” para a dissertação do curso de Mestrado em Ciências da Educação – Administração, Regulação e Políticas Educativas, da Universidade de Évora com Direção de curso a cargo da Professora Doutora Marília Favinha e a orientação da Professora Doutora Olga Magalhães.

O objetivo do estudo é analisar e refletir sobre noção/noções que alunos e professores têm sobre a Indisciplina, ou seja, o que para cada um destes elementos são fatores desencadeantes de indisciplina e como esta poderá ser um dos motivos inibidores do sucesso escolar dos alunos, considerando-se que a sua diminuição e/ou extinção possa promover mudanças no processo educativo dos alunos por forma a melhorar as suas aprendizagens.

Os questionários serão enviados à totalidade de professores e alunos de 2º e 3º ciclos do ensino básico. Os professores receberão o questionário na sua caixa de correio (email) e responderão online ao mesmo.

Face aos alunos, será solicitada autorização aos Encarregados de Educação para a participação dos seus educandos no estudo.

Quando e se necessário, disponibilizar-me-ei para estar presente numa sala de informática da escola, mediante autorização da direção da Escola e disponibilidade da sala por forma a facilitar o preenchimento do questionário.

Quero informar que o carácter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade dos participantes (professores e alunos). Uma das metas para a realização deste estudo é o meu comprometimento em possibilitar, aos participantes, um retorno dos resultados da pesquisa caso estejam interessados. Solicito ainda a permissão para a divulgação destes resultados e suas respetivas conclusões, em forma de pesquisa, preservando o sigilo uma vez que os questionários manterão o anonimato dos participantes.

Informo, ainda, que já foi solicitada autorização ao MIME para aplicação dos questionários em meio escolar

Agradeço a vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste estudo.

Atenciosamente,

Évora, 19 de março de 2019

(Patrícia Bartolomeu Gomes)

Mestranda do Curso de Mestrado em Ciências da Educação – Administração, Regulação e Políticas Educativas da Universidade de Évora

Mestranda: Patrícia Gomes
m39654 alunosevora.pt

Orientadora: Olga Magalhães
omsmuevora.pt

PEDIDO DE COLABORAÇÃO AOS PROFESSORES DO AGRUPAMENTO



Ex.mos Professor do Agrupamento de
Escolas José Saramago – Palmela

Eu, **Patrícia Bartolomeu Gomes**, Professora neste Agrupamento de Escolas, solicito a sua colaboração para realizar uma pesquisa através da aplicação de questionários que serão preenchidos por todos os professores de 2º e 3º ciclo deste estabelecimento de ensino. Esta solicitação prende-se com o estudo que estou a realizar intitulado “**A Indisciplina em Contexto Escolar: percepções e representações de alunos e professores**” para a dissertação do curso de Mestrado em Ciências da Educação – Administração, Regulação e Políticas Educativas, da Universidade de Évora com Direção de curso a cargo da Professora Doutora Marília Favinha e a orientação da Professora Doutora Olga Magalhães.

O objetivo do estudo é analisar e refletir sobre noção/noções que alunos e professores têm sobre a Indisciplina, ou seja, o que para cada um destes elementos são fatores desencadeantes de indisciplina e como esta poderá ser um dos motivos inibidores do sucesso escolar dos alunos, considerando-se que a sua diminuição e/ou extinção possa promover mudanças no processo educativo dos alunos por forma a melhorar as suas aprendizagens.

Os questionários serão enviados à totalidade dos professores de 2º e 3º ciclos do ensino básico. Cada professor receberá o questionário na sua caixa de correio (email) e responderá online ao mesmo.

Quero informar que o carácter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade dos participantes - professores. Uma das metas para a realização deste estudo é o meu comprometimento em possibilitar, aos participantes, um retorno dos resultados da pesquisa caso estejam interessados. Solicito ainda a permissão para a divulgação destes resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa, preservando o sigilo uma vez que os questionários manterão o anonimato dos participantes.

Informo, ainda, que já foi solicitada autorização ao MIME para aplicação dos questionários em meio escolar.

Agradeço a sua compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste estudo.

Atenciosamente,

Évora, 19 de março de 2019

(Patrícia Bartolomeu Gomes)

Mestranda do Curso de Mestrado em Ciências da Educação – Administração, Regulação e Políticas Educativas da Universidade de Évora

Mestranda: Patrícia Gomes
m39654@alunosevora.pt

Orientadora: Olga Magalhães
omsm@uevora.pt

PEDIDO DE APROVAÇÃO DO ESTUDP AO MIME



Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

[Início](#) » [Consultar inquéritos](#) » **Ficha de inquérito**

Identificação da Entidade / Interlocutor

Nome da entidade:
Patricia Bartolomeu Gomes

Nome do Interlocutor:
Patricia Bartolomeu Gomes

E-mail do interlocutor:
m39654@alunos.uevora.pt

Dados do Inquérito

Número de registo:
067640001

Designação:
Indisciplina em contexto escolar: perceções e representações de alunos e professores

Patricia Bartolomeu Gomes

Área reservada

- Dados da entidade
- Consultar inquéritos
- Registrar inquérito
- Instruções

- Início
- Pesquisar inquéritos

EMAIL COM A APROVAÇÃO DO MIME

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0676400001, com a designação *Indisciplina em contexto escolar: perceções e representações de alunos e professores*, registado em 05-04- 2019, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo.(a) Senhor(a) Patrícia Bartolomeu Gomes

Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

José Vitor Pedroso

Diretor-Geral

DGE

Observações:

a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas do ensino público a contactar para a realização do estudo (Agrupamento de Escolas José Saramago –Palmela) . Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, porque onerosos e sensíveis, devendo fazer-se em estreita articulação com as Direções dos

Agrupamentos.

b) Informa-se que a DGE não é competente para autorizar a realização de estudos/aplicação de inquéritos ou outros instrumentos em estabelecimentos de ensino

privados e para autorizar a realização de intervenções educativas/desenvolvimento de projetos e atividades/programas de intervenção/formação em meio escolar dadas as competências da Escola/Agrupamento, nos domínios da organização pedagógica, da organização curricular, da gestão estratégica, entre outras. Os órgãos de gestão pedagógica e educativa, (a Direção, o Conselho Pedagógico e o Conselho Geral) melhor decidirão sobre a realização dos inquéritos e suas inerentes ações em contexto de sala de aula.

c) Deve considerar-se o disposto legal em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, confidencialidade, proteção e segurança dos dados. Considerados os documentos que foram anexados e para efeitos da proteção de dados pessoais sensíveis e de vida privada a recolher junto dos inquiridos, em cumprimento da legislação em vigor resultam obrigações que o responsável se propõe cumprir. Destas deve dar conhecimento a todos os inquiridos e a quem intervenha na recolha e tratamento de dados pessoais. É obrigatório recolher as declarações de consentimento informado e esclarecido a utilizar junto dos inquiridos, salvaguardando as condições de segurança dos dados recolhidos para objeto de tratamento. Mais deverão ser presentes com os inquéritos para recolha do prévio consentimento dos inquiridos ou de seus representantes legais (sua anuência/concordância com o que lhe é efetivamente proposto responder). As autorizações assinadas devem ficar em poder da Escola/Agrupamento ao qual pertencem. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes das declarações de consentimento informado.

d)) No caso de utilização de uma plataforma tecnológica para registo de dados, deve acautelar-se que as questões colocadas pelos instrumentos de inquirição/registo devem ser respondidas apenas pelo destinatário pretendido (proceder-se à inquirição através de um único acesso - link da plataforma a utilizar - utilizando-se um ou mais computadores a disponibilizar para o efeito na escola, ou outra forma considerada adequada àquele propósito). Em caso de ser instrumento de livre acesso, não é da competência da Direção-Geral da Educação (DGE) autorizar a sua aplicação, uma vez que qualquer pessoa pode responder.

A Indisciplina em Contexto Escolar

Questionário de opinião - a professores/as de 2º e 3º ciclos

Caro/a Colega

O presente questionário enquadra-se no Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação e Políticas Educativas, da Universidade de Évora, e com ele pretende-se conhecer como classifica a gravidade de atos de indisciplina que acontecem na escola.

Para responder, coloque uma cruz (X) no quadrado que melhor traduza a sua opinião. Não há respostas certas ou erradas. Todas as suas respostas são anónimas e confidenciais e pretende-se que sejam o mais sinceras possível.

Muito obrigada.

1. Género

Marcar tudo o que for aplicável.

- Masculino
 Feminino

2. Idade

3. Tempo de serviço

4. Situação profissional

Marcar apenas uma oval.

- Contratado
 QZP
 QA/QE

5. Anos de escolaridade que leciona

Marcar tudo o que for aplicável.

- 5º ano
 6º ano
 7º ano
 8º ano
 9º ano

Comportamentos e atitudes dentro da sala de aula

Da lista a seguir, indique a sua opinião sobre a gravidade de atos praticados por alunos/as, considerando que:

Grau 1 é o menos grave e o Grau 5 é o mais grave.

6. Recusar-se a entrar na sala.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. Passar o tempo a rir.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. Passar o tempo virado para trás, a falar com os/as colegas.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Atirar papéis ou pedaços de borracha.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Usar o telemóvel.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Escrever ou riscar a mesa de trabalho ou a cadeira.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. Não trazer ou não tirar o material necessário para a aula.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Tentar boicotar a aula.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. Recusar-se a trabalhar/realizar as tarefas propostas.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. Fazer comentários despropositados/ desagradáveis.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. Dirigir-se, oralmente, ao/à professor/a num tom ameaçador/intimidatório.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. Responder ao/à professor/a com arrogância.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. Levantar a voz para o/a professor/a.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Entrar aos empurrões aos/às colegas.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

20. Falar alto para os/as colegas.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21. Passar o tempo a distrair os/as colegas.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

22. Fazer gestos ofensivos.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

23. Bater / agredir fisicamente um/a colega.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

24. Sair / abandonar a sala sem autorização.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25. Bater com a porta quando o/a professor/a solicita a sair da sala.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Comportamentos e atitudes fora da sala de aula

Da lista a seguir, indique a sua opinião sobre a gravidade de atos praticados por alunos/as, considerando que:

Grau 1 é o menos grave e o Grau 5 é o mais grave.

26. Não apresentar o cartão da escola na portaria.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

27. Danificar as instalações do espaço escolar (portas, vidros, cacifos...).*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

28. Gritar no refeitório/bar.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

29. Trazer bebidas alcoólicas para o espaço escolar.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

30. Deitar comida /lanche para o chão.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

31. Entrar em conflito verbal com outro/a colega.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

32. Desobedecer às ordens do/a assistente operacional.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

33. Utilizar "palavrões" ao conversar com o/a assistente operacional/a ou professor/a.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

34. Fugir do/a assistente operacional quando este/a chama a repreende.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

35. Atirar objetos (paus ou pedras) aos colegas.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

36. Bater violentamente (pontapés, murros...) num/a colega.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

37. Agarrar ou apalpar um/a colega sem autorização.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

38. Intimidar um/a colega.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

39. Filmar “cenas” dentro do espaço escolar dos/as colegas com o telemóvel sem autorização.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

40. Ofender colegas na internet.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

41. Colocar mensagens, fotos ou filmagens de colegas na internet.

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Com tecnologia



ANEXOS

ATA DE REUNIÃO DE DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS EXPERIMENTAIS

ATA N.º 3

Aos 22 dias do mês de janeiro, do ano de 2020, pelas 14 horas e trinta minutos, na sala 2, sob a presidência da docente-----, realizou-se uma reunião do Conselho de Docentes do Departamento acima indicado, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto 1: Informações;

Ponto 2: Análise dos resultados escolares referentes ao 1.º período;

Ponto 3: Avaliação do Plano Anual de Atividades;

Ponto 4: Análise das propostas de medidas disciplinares implementadas;

Ponto 5: Outros assuntos.

Não estiveram presentes os professores ----- --.

A reunião iniciou-se com alguns docentes a questionarem a possibilidade de a verba atribuída às visitas de estudo, no âmbito da disciplina de Português, serem utilizadas noutras visitas de estudo quando as de Português não se realizarem. A Coordenadora do Departamento referiu que não se realizando uma visita de estudo, a verba atribuída poderá ser utilizada noutra visita, à escolha do Encarregado de Educação. As docentes -----referiram que nas suas direções de turma tal não está a acontecer.

Relativamente ao **ponto 1** da ordem de trabalhos, a Coordenadora do Departamento informou os presentes que:

- o Agrupamento de Escolas -----tem presentemente 83 alunos abrangidos pela Educação Especial, dos quais 13 abrangidos por medidas adicionais e 70 por medidas seletivas. A Equipa de Educação Especial criou o endereço de correio eletrónico: -----

- verificou-se um aumento do número de medidas disciplinares aplicadas ao longo do 1.º período, que foi justificado pela aplicação rigorosa das medidas definidas pelo Gabinete de Apoio ao Aluno, em articulação com os Departamentos e com o conhecimento prévio dos alunos e Encarregados de Educação;
- no 1.º ciclo também foram aplicadas medidas disciplinares tal como a diminuição do tempo de intervalo (15 minutos em sala de aula e 15 minutos fora desta). Com vista a diminuir a indisciplina, os professores titulares têm acompanhado os alunos ao refeitório e recompensado os que não apresentam problemas disciplinares com idas à biblioteca da escola sede durante a hora do almoço;

- As faltas dadas pelos alunos devido à aplicação da medida de suspensão foram consideradas como faltas recuperadas. Alguns elementos do Departamento questionaram essa consideração, uma vez que, na opinião dos elementos presentes nesta reunião, não está de acordo com o artigo 17, ponto 1, alínea d, do Estatuto do Aluno;
- na reunião de Conselho Pedagógico, de 15 de janeiro, foi feita uma reflexão sobre as medidas implementadas para melhorar o ambiente escolar, tendo-se concluído que houve um efeito positivo numa primeira fase, mas para o final de período verificou-se um recuo dessa melhoria, pelo que as medidas terão de ser repensadas. Salientou-se que seria muito importante que os professores chegassem à sala de aula o mais cedo possível, de preferência um pouco antes da chegada dos alunos, de modo a que o ambiente nos corredores seja o mais calmo possível;
- os alunos do Agrupamento,----- bolsa da Associação de Empresários Pela Inclusão Social (EPIS).

No **ponto 2** da ordem de trabalhos, a Coordenadora do Departamento informou que a análise dos resultados será feita, este ano letivo, de forma diferente dos anos anteriores, pelo que as equipas responsáveis por essa análise (Avaliação Interna e TEIP) têm tido alguma dificuldade em comparar os resultados do presente ano letivo com os dos anos letivos transatos. Questionou-se então o acompanhamento da escola (TEIP) pelo supervisor responsável, tendo sido referido que este não tem feito qualquer acompanhamento.

Quanto à análise de resultados, foram apresentados os resultados da avaliação realizada no final do primeiro período e preencheu-se o “guião para análise de resultados escolares de final de período”. Após reflexão, o Grupo Disciplinar de:

- Ciência Naturais referiu que ***;
- Físico-Química concluiu que no 1.º período do atual ano letivo, o 7.º ano de escolaridade, apresentou uma percentagem de sucesso de 72% tendo diminuído em 5% a percentagem de sucesso comparando com o 1.º período dos anos letivos 2018/2019 (77%). Em relação ao 6.º ano (coorte) verificou que a percentagem de sucesso é menor (25%) no 7.º ano em Físico-Química do que no ano de escolaridade em Ciências Naturais no 6.º ano. O 7.º ano corresponde ao início de um novo ciclo escolar, sendo a disciplina de Físico-Química “nova”, devendo-se por isso considerar que é um ano de adaptação à mesma; a disciplina de Físico-Química requer que os alunos revelem poder de abstração, raciocínio lógico-dedutivo e maturidade para poderem desenvolver as capacidades exigidas no âmbito da disciplina, o que nem sempre acontece com alunos desta faixa etária; os alunos das

turmas do atual 7.º ano apresentam dificuldades no que concerne ao comportamento, à concentração e aos métodos e hábitos de estudo e de trabalho.

No 1.º período do atual ano letivo, o 8.º ano de escolaridade, apresentou uma percentagem de sucesso de 69%. Comparando com o 1.º período do ano letivo 2018/2019 (80%), verifica-se que a percentagem de sucesso diminuiu significativamente. Tal facto deve-se ao facto de os alunos já saberem qual o trabalho individual necessário por parte dos alunos à disciplina. Em comparação com a coorte, os alunos pioraram os seus resultados, em 26%. Há um conjunto significativo de alunos que ainda apresenta muitas dificuldades de concentração e baixo ritmo de trabalho.

No 1.º período do atual ano letivo, o 9.º ano de escolaridade, apresentou uma percentagem de sucesso de 94%. Comparando com o 1.º período do ano lectivo 2018/2019 (82%), a percentagem de sucesso obtida corresponde a um aumento da percentagem de sucesso. Tal facto deve-se ao facto do alunos já saberem qual o trabalho individual necessário por parte dos alunos à disciplina. Em comparação com a coorte, os alunos piorariam os seus resultados, em 6%.

Em termos globais, para o 3.º ciclo, pode considerar-se que a taxa de sucesso, na disciplina de Físico-Química, no 1.º período deste ano letivo (76%), registou uma ligeira descida face à taxa registada no ano letivo anterior (80%).

- Matemática referiu que em relação ao período homólogo do ano anterior se verifica uma descida nos dois anos do 2.º ciclo (5.º ano menos 17% e 6.º ano menos 4%) e uma subida nos resultados de todos os anos do 3.º ciclo (7.º ano mais 12%, 8.º ano mais 9% e 9.º ano mais 25%). Sendo a descida mais significativa no 5.º ano e a subida mais significativa no 9.º ano.

Motivos que podem justificar os resultados obtidos:

- No 5.º ano (descida de 17%): Os alunos que frequentam este nível apresentam menor grau de autonomia e de responsabilidade em relação aos que frequentavam este nível no ano letivo anterior para além disso, o número de alunos por turma, também é superior este ano, o que dificulta o desenvolvimento de algumas atividades e torna complexo um apoio mais individualizado.
- No 6.º ano (descida de 4%): A variação de 4% não se considera significativa.
- No 7.º ano (subida de 12 %): Alguns dos alunos que se encontram a repetir o ano apresentam uma melhoria do comportamento e conseqüentemente do seu sucesso que poderá influenciar positivamente os resultados.

- No 9.º ano (subida de 25%): A alteração da planificação e atribuição de um tempo de apoio extra surtiu um efeito positivo nas aprendizagens dos alunos e na sua avaliação.

Comparando os resultados obtidos neste período com os obtidos no 3.º período do ano anterior pelos mesmos alunos verifica-se uma descida generalizada em todos os anos, à exceção do 9.º ano que não apresenta variação.

Motivos que podem justificar os resultados obtidos:

- No 5.º ano (descida de 16%): A taxa de sucesso inferior à do 3.º período do ano letivo anterior, poderá estar relacionada com a mudança de ciclo e a passagem de um regime de monodocência para um de pluridocência.
- No 6.º ano (descida de 8%): Um elevado número de alunos que reprovaram no ano letivo anterior e que foram integrados nestas turmas apresentam problemas comportamentais e prejudicam o bom funcionamento das atividades de sala de aula. O número de alunos por turma neste ano letivo 19/20 é superior ao ano letivo anterior 18/19 o que também dificulta o desenvolvimento das atividades.
- No 7.º ano (descida de 13%): A mudança de ciclo e o aumento do grau de complexidade dos conhecimentos poderá justificar, em parte, a alteração da taxa de sucesso destes alunos relativamente ao ano anterior. Nas turmas do 7.º ano existe um elevado número de alunos a repetir o ano que apresentam taxas de insucesso bastante altas devido não só às suas dificuldades, mas também a uma falta de assiduidade (estando alguns já em situação de retenção), falta de interesse pela escola e pelas suas aprendizagens e problemas comportamentais que interferem negativamente com as aprendizagens dos restantes alunos.
- No 8.º ano (descida de 20%): O grau de complexidade e de abstração dos conteúdos abordados aumenta relativamente aos do 7.º ano. Para além disso, os alunos estão menos empenhados que no ano anterior, revelam pouca preocupação com os seus resultados escolares e pelas suas aprendizagens. No 8.º ano os alunos não beneficiam de nenhuma medida ou projeto de promoção do sucesso na disciplina de matemática tendo beneficiado no ano anterior do projeto Turma X.
- No 9.º ano não se verifica nenhuma variação na taxa de sucesso.

Passando ao **ponto 3** da ordem de trabalhos, preencheu-se o documento resumo das atividades realizadas, nomeadamente a Feira dos Minerais, promovida pelo Grupo de Ciências Naturais, que decorreu conforme o previsto e foi avaliada com Muito Bom. Foi elaborada a planificação e o relatório de avaliação da atividade, que deverão ser colocadas na Drive, já não sendo

necessário enviar esses documentos para a Equipa de Projetos. O Sr. responsável pela venda dos minerais colocou a hipótese de se repetir a feira ao longo do ano letivo, tendo-se concluído que é escusado.

De acordo com o **ponto 4** da ordem de trabalhos, o Departamento declarou que só no final do ano letivo se poderá fazer um balanço objetivo das medidas disciplinares implementadas.

Mesmo assim, algumas professoras do 2.º ciclo referiram que não notaram melhoria no comportamento dos alunos, nomeadamente naqueles que estiveram suspensos, ao contrário de algumas professoras do 3.º ciclo.

Questionou-se ainda o envio de tarefas, por parte dos professores, para os alunos realizarem em casa de modo a poderem acompanhar os conteúdos das aulas, quando estão suspensos, uma vez que estes não as realizam em sala de aula e muito menos em casa.

Referiu-se ainda que alguns Encarregados de Educação preferem que os seus educandos fiquem suspensos do que realizem certas atividades na escola.

Sugeriu-se que para além de responsabilizar os Encarregados de Educação pelas ocorrências dos seus educandos, a escola deveria implementar algumas medidas de combate à indisciplina, nomeadamente com atividades que os alunos mostrem preferência.

No **último ponto** da ordem de trabalhos, a professora Alexandra Bento pediu a calendarização das reuniões de Departamento, tendo a Coordenadora informado que estas estão previstas para a semana seguinte à das reuniões de Conselho Pedagógico e comprometendo-se com o envio, por correio eletrónico, do referido calendário.

Considerando o elevado número de docentes com avaliação externa os Coordenadores vão propor em Conselho Pedagógico que seja facultativa este ano a supervisão pedagógica. Salienta-se ainda que muitos docentes já fazem essa supervisão nas aulas onde há coadjuvação. No caso de se realizarem aulas com supervisão pedagógica os procedimentos e o funcionamento mantêm-se:

- Observação de aulas entre pares seguida de reflexão conjunta;
- Calendarização de uma aula observada até ao final do 2.º período letivo;
- Elaboração de um guião de observação que deve ser entregue ao Coordenador de Departamento que encaminhará para a Diretora;
- Entrega do documento preenchido e devidamente assinado.

As aulas com supervisão pedagógica deverão ser mencionadas nos sumários.

Os docentes que estão a implementar os projetos Turma X, Coadjuvação + e Coadjuvação X referiram que estes estão a decorrer conforme o previsto.

A Coordenadora de Departamento lembrou que devem ser colocados na Drive as grelhas de avaliação em Excel, matrizes de testes e outros materiais.

Nada mais havendo a tratar foi lida e aprovada a presente ata.

Visto em ____/____/____

Assinaturas

A Presidente da Reunião

A Secretária

A Diretora